

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**METÁFORAS SOBRE A MULHER:
UMA VISÃO LINGÜÍSTICA E CONCEPTUAL**

MÁRCIA DOS SANTOS LOPES

Orientador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

**Florianópolis
2005**

MÁRCIA DOS SANTOS LOPES

**METÁFORAS SOBRE A MULHER:
UMA VISÃO LINGÜÍSTICA E CONCEPTUAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística, Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

Florianópolis

2005

DEDICATÓRIA

Vou começar contando-lhes uma pequena história:

“Era uma vez, uma menininha que vivia na roça, no sertão baiano. Todo dia ia com seu pai plantar e colher alguma coisa, se a seca permitisse. Adorava fazer isso, porque assim comia suas frutas prediletas: melancia e umbu. Muitas vezes, eram essas frutas, com farinha, suas únicas refeições.

Aos treze anos, foi levada para a capital, por um casal. Para seus pais e para ela, estava sendo adotada, seria tratada como uma filha e poderia estudar na cidade grande, já que era analfabeta.

Isso não aconteceu, trabalhou por mais de dez anos como doméstica e nunca foi à escola. Casou-se, teve quatro filhos e sempre sua maior preocupação era colocá-los para estudar.

Hoje, aos 75 anos, essa mulher, agora uma senhora na melhor idade, está na escola. Já sabe ler e escrever com dificuldade. Sempre que lhe perguntam porquê, ela responde: ‘Não é possível que uma mãe de professora não saiba ler e escrever’ “

Essa mulher chama-se Matilde e é minha mãe. Um exemplo para aqueles que desistem. A ela que é o meu exemplo de perseverança, dedico o fruto da minha também dedicação e perseverança.

A você, Mainha.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária, à UFSC e ao CEFET/PR pela parceria neste projeto inovador e audaz.

Ao meu orientador, professor doutor Heronides Maurílio Melo Moura, pela atenção, paciência e dedicação. Sempre calado, aparentemente introvertido, mas um intelectual capaz e generoso o suficiente para não reter nem mesmo seus livros, nos momentos de necessidade.

À professora doutora Luciana Martins, hoje minha amiga, por ter investido seu tempo neste empreendimento como coordenadora do MINTER. Seu trabalho foi excelente, sua disposição para ajudar-nos, incansável.

A meus colegas do Mestrado, queridos, que de uma maneira ou de outra sempre se revelaram generosos para me fortalecerem nos momentos difíceis. Especialmente quero lembrar das minhas queridas amigas: Maria Helena, por nossas trocas sempre tão interessantes, engraçadas e carinhosas, tenho saudade; Marianne, por ser a companheira das viagens, do compartilhar alegrias, tristezas e incertezas; Célia, pela ajuda disposta e abnegada; Adriana, apenas por existir com seu jeito simples e compreensivo; Denise, por se colocar à disposição para ajudar-me com uma língua que me parecia realmente estrangeira. A todas vocês, muito obrigada.

A minha família aqui em Curitiba, Nilzete, Yasmim e João Lucas, pelo incentivo e paciência comigo, nos momentos nervosos, intranquilos e angustiados. Vocês, que aparentemente me atrapalhavam, foram a razão da minha persistência. Obrigada.

A todos que me enviaram metáforas, que me contaram algumas piadas sobre mulher. Muito obrigada.

magia

Maria, Maria é um dom, uma certa

*Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta*

*Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz a fé nessa marca
Tem a estranha mania de ter fé na vida*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
1 INTRODUÇÃO	1
2 REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 INTRODUÇÃO	5
2.2 A METÁFORA COMO UMA QUESTÃO DE REFERENTE.....	5
2.3 TRANSFERÊNCIA DE SIGNIFICADO	15
2.4 A METÁFORA CONCEPTUAL.....	23
2.4.1 <i>Introdução</i>	23
2.4.2 <i>A Metáfora do Canal</i>	25
2.4.3 <i>Classificação das Metáforas</i>	27
2.4.4 <i>Ontologização, Personificação e Metonímia</i>	29
2.4.5 <i>Metáfora e Cultura</i>	31
2.4.6 <i>A Sistemacidade da Metáfora</i>	33
2.4.7 <i>Metáfora e Idiomatismo</i>	34
2.4.8 <i>Conceitos e Experiências</i>	37
2.4.9 <i>Categorização e Similaridade</i>	40
2.4.10 <i>Críticas à Teoria Conceptualista</i>	46
2.5. CONCLUSÃO.....	49
3 ANÁLISE DE DADOS	50
3.1 METODOLOGIA.....	50
3.2. ANÁLISE LINGÜÍSTICA E CONCEPTUAL DOS DADOS	54
3.2.1 <i>Introdução</i>	54
3.2.2 <i>Análise Semântica das Categorias</i>	54
3.2.2.1 <i>Animais</i>	54
3.2.2.2 <i>Artefatos e suas propriedades</i>	64
3.2.2.3 <i>Elementos da natureza</i>	72
3.2.2.4 <i>Elementos ficcionais</i>	74
3.2.3 <i>Análise Conceptual</i>	77
4 CONCLUSÃO	83
4.1 O POLITICAMENTE CORRETO	85
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - SENTENÇA METAFÓRICA NA TEORIA DA INTERAÇÃO	16
TABELA 2 – NOÇÃO DE RÓTULO, SEGUNDO NELSON GOODMAN.....	19
TABELA 3- ÉPOCA DA PUBLICAÇÃO DAS REVISTAS CONSULTADAS	50
TABELA 4 – TOTAL DAS EXPRESSÕES COLETADAS	51
TABELA 5 – CLASSIFICAÇÃO DAS METÁFORAS SOBRE A MULHER SEGUNDO TIPO SEMÂNTICO	53
TABELA 6 - CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA DOS ANIMAIS	55
TABELA 7 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ARTEFATOS.....	65
TABELA 8 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA PROPRIEDADES DOS OBJETOS	68
TABELA 9 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ELEMENTOS DA NATUREZA	72
TABELA 10 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ELEMENTOS FICCIONAIS	75

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar as metáforas que são ditas sobre a mulher, numa perspectiva lingüística e conceptual, buscando entender o processo de interpretação do fenômeno metafórico. A partir da análise das propriedades lexicais dos seres e objetos que compõem o domínio-fonte de uma metáfora, numa perspectiva conceptualista, buscou-se a identificação das possíveis regularidades de uso e dos conceitos implícitos em cada expressão metafórica. Eram três as hipóteses formuladas: existem regularidades no que diz respeito às metáforas sobre a mulher; a construção do significado da metáfora se dá com base em estereótipos formulados pela comunidade de fala; e o contexto auxilia na tarefa de salientar alguns traços dos domínios em detrimento de outros. O material de estudo foram sentenças metafóricas sobre a mulher retiradas de revistas femininas e masculinas, de sites femininos na Internet e de piadas e frases populares. A análise qualitativa dos dados conduziu a uma divisão metodológica em quatro categorias: metáforas produzidas a partir de domínios-fonte animal, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais. Constatou-se, sob a perspectiva lingüística, que os traços dos animais, artefatos, elementos da natureza e elementos ficcionais que metaforizam a mulher conduzem a interpretações ligadas às características físicas, ao comportamento sexual, ao temperamento e à inteligência. Os artefatos metaforizam a mulher a partir da forma e da função, também conduzindo a uma interpretação relacionada a sua aparência física e ao seu comportamento sexual. Observou-se que a semelhança entre os traços não é suficiente para permitir uma interpretação da metáfora, como afirmam os teóricos. Da perspectiva conceptual, percebeu-se que, embora os elementos lingüísticos não sejam suficientes para determinar a interpretação da metáfora, os conceitos também não são pré-determinados. Eles são construídos pelo contexto, a partir de protótipos das categorias que formam os domínios-fonte e que contribuem para a formação e alimentação dos estereótipos sobre a mulher, existentes na sociedade.

Palavras-chave: Metáfora; Conceito; Estereótipo; Protótipo; Contexto

ABSTRACT

This paper has the objective of analysing the metaphors that are said about the woman, on a conceptual and linguistics perspective, trying to understand the interpretation process of the metaphorical phenomenon . From the analysis of the lexical properties of the beings and objects that constitute the source-domain of a metaphor, on a conceptualist perspective, it was investigated the identification of the possible regularities of use and the implicit concepts in each metaphorical expression. There were three formulated hypothesis: there are regularities concerning the metaphors about the woman; the construction of the meaning is based on stereotypes formulated by the speech community; the context helps emphasise some traces of the domain instead of others. The study material were metaphorical sentences about the woman taken from male and female magazines, feminine sites in the Internet, jokes and popular sentences. The data qualitative analysis conducted to a methodological division into four categories: metaphors produced from animal source-domains, products and their properties, environment elements and fictional elements. It was noticed that on the linguistics perspective, that the properties of animals, products, elements of the environment and fictional ones that metaphorize the woman conduct to interpretations connected to physical characteristics, sexual behaviour, mood and intelligence. The products metaphorize the woman based on shape and function, also conducting to an interpretation related to her physical appearance and sexual behaviour. It was noticed that a similarity between the traces is not enough to allow a metaphor interpretation as the theoreticians claim. On the conceptual perspective, it was noticed that, although the linguistics elements are not enough to determine the interpretation of a metaphor, the concepts are nor pre-determined either. They are constructed by the context, based on the prototypes of the categories that form the source-domains and contribute to the formation and feeding of stereotypes about the woman, existent in the society.

KEY-WORDS: Metaphors; concept; stereotypes; prototypes; context.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar o fenômeno metafórico a partir de ocorrências reais de metáforas sobre a mulher, buscando as possíveis razões conceituais e lingüísticas que as motivam.

O propósito principal é identificar as propriedades que são metaforizadas juntamente com os tipos de palavras utilizadas e, partindo da idéia de que essas propriedades se submetem a alguma sistematização, pretende-se estabelecer as regularidades de uso, observando o contexto no qual tais expressões são produzidas.

A partir do ponto de vista de alguns estudiosos da metáfora, como os filósofos Hilary Putnam, Sam Glucksberg, o psicolingüista Raymond Gibbs e o lingüista George Lakoff, pretende-se tratar da questão da estereotipia motivadora da metaforização e das propriedades utilizadas na construção de metáforas sobre a mulher.

Uma das razões pelas quais o fenômeno metafórico será estudado é que, além de ser uma manifestação estética muito presente em textos literários, faz parte da vida cotidiana e contribui para a comunicação, tanto quanto os usos aparentemente literais. Segundo LAKOFF & JOHNSON (1980, tradução brasileira: 2002), “a linguagem metafórica sempre foi estudada como um ornamento retórico, desde os gregos clássicos, e como uma característica restrita à linguagem e não ao pensamento.” Muitos filósofos, inclusive da atualidade, como Hilary Putnam, Donald Davidson e Nelson Goodman, teorizaram, tentando trazer à luz o significado da metáfora. Mas é bem recente seu estudo como um fenômeno comum à escrita e à fala cotidiana.

O surgimento da abordagem cognitiva da metáfora, com a publicação de *Metaphors we live by* de MARK JOHNSON e GEORGE LAKOFF (1980) muito contribuiu para que se pudesse reconhecê-la como um fenômeno inerente à linguagem humana, assim como a ironia, a metonímia, a ambigüidade etc. Esses teóricos vêem a metáfora como um fenômeno

motivado pela cognição e, por isso, distinto do que chamam de metáfora lingüística. Esses estudos mostram o fascínio que a metáfora exerce sobre o observador da linguagem e o seu importante papel na compreensão do mundo, da cultura e do ser humano.

Uma das justificativas para a escolha desse tema é a presença constante, nas práticas diárias de linguagem, de metáforas que tentam explicar ou definir o gênero feminino e, por meio delas, veiculam visões sobre a mulher.

Outra razão para pesquisar esse tema é que, apesar da vasta literatura sobre a questão da metáfora e das várias teorias que surgiram nos últimos anos tentando explicá-la, tanto na área da Psicologia Cognitiva, [Teoria do Desequilíbrio de Saliência (ORTONY, 1979); Teoria da Inclusão de Classe (GLUCKSBERG e KEYSAR, 1990); Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980)]; quanto na área da Lingüística [Teoria dos Atos de Fala (SEARLE, 1979); Teoria da Ausência de Sentido, (DAVIDSON, 1979); Teoria da criação de similaridade, (INDURKHAYA, 1992); e a Teoria da Relevância, (SPERBER e WILSON, 1985, 1986)], pouco se pesquisou sobre as metáforas associadas ao gênero feminino, ao menos em português. É possível observar que muito já se falou sobre a metáfora na linguagem científica, na esfera jornalística, e até mesmo na linguagem pedagógica. Já foram efetuadas pesquisas relacionando a linguagem figurada aos processos de memória dos adultos, às questões do desenvolvimento, à educação e à psicoterapia, à inteligência artificial, ao processamento de informação baseado na analogia, mas no que tange ao aspecto social de gênero não existe nada escrito, pelo que se pôde observar.

Quanto às razões teóricas para tratar deste tema, os semanticistas com direcionamentos referencialista, descritivista e cognitivista discutem a existência de características que são metaforizadas e as nomeiam como traços ou propriedades, alguns até insinuam que elas são fruto de estereotipia, mas não mostram quais são essas propriedades e nem as possíveis regularidades de uso, bem como a quais estereótipos culturais as

mesmas se referem. Este trabalho vai contribuir para uma reflexão sobre a forma metafórica na qual se manifestam as idéias concretas que se pretendem expressar sobre o gênero feminino. Da perspectiva da linguagem e do conceito, se pretende analisar o dizer sobre a mulher.

Além das razões aqui explicitadas, é importante acrescentar que, quanto mais estudos empíricos sobre metáforas e estereótipos forem realizados, inclusive os que dizem respeito à mulher, mais reflexões serão feitas na tentativa de tornar evidente que idéias preconcebidas não são baseadas em realidades, mas em estereótipos do pensamento coletivo. Além disso, se abrirá um caminho para o desvendamento do “status” epistemológico da metáfora.

Como hipótese, apresento as seguintes possibilidades:

a) há regularidades lingüísticas no uso das metáforas;

Observe os exemplos abaixo:

(01) Ela é um avião.

(02) Ela é multimídia.

(03) Ela é um trator.

Embora existam outras possibilidades de interpretação para as sentenças acima, como considerá-las uma referência a características físicas femininas, essas expressões metafóricas, cuja fonte são máquinas ou suas propriedades, conduzem a uma interpretação dirigida ao comportamento ágil, rápido e veloz da pessoa metaforizada. Esse é um tipo de regularidade lingüística, de base semântica, que se pretende estudar nesta dissertação.

b) metáforas são construídas com base em estereótipos;

Um bom exemplo dessa hipótese é a seguinte sentença:

(04) Ela é uma cobra.

A sentença (04) pode ser metaforicamente verdadeira se a referida pessoa for malévola como se imagina que uma cobra seja, mesmo que se saiba que nem todas as cobras são venenosas e que elas só atacam quando se sentem ameaçadas. Uma propriedade do animal cobra foi atribuída à mulher, mesmo que, de fato, o referente literal não tenha as

características sugeridas pelo possível estereótipo, ou seja, a metáfora é interpretada a partir daquilo que se imagina sobre o objeto, do seu estereótipo. E, possivelmente, o traço escolhido para ser ressaltado é produto de um protótipo de “cobra” que tem aquelas propriedades já mencionadas.

c) apenas traços salientes no contexto em que está inserida a expressão são ressaltados. Outras propriedades que também poderiam sugerir características são apagadas na escolha do traço para metaforização.

Observe a sentença (04) cujo domínio-fonte é uma cobra e o domínio alvo é um ser humano do sexo feminino. A interpretação dessa metáfora revela que apenas as propriedades como ser venenosa e perversa são apontadas. Propriedades como ser parte da natureza, ser necessária e muitas vezes inofensiva são apagadas no processo de metaforização. Isso provavelmente se dá porque os traços do domínio-fonte que são salientados normalmente correspondem à necessidade do contexto no qual a sentença foi pronunciada.

Este trabalho dissertativo será dividido em dois capítulos, nos quais serão apresentadas as principais teorias que têm embasado o estudo da metáfora e a análise dos dados coletados durante a pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo é dedicado à revisão de algumas abordagens teóricas sobre a metáfora. Serão apresentadas três correntes: o Referencialismo, o Descritivismo e o Conceptualismo. A ideia é apresentar os pontos de vista dos estudos sobre a metáfora, desde os clássicos retóricos, passando pelas concepções mais modernas, até chegar à visão cognitivista.

2.2 A METÁFORA COMO UMA QUESTÃO DE REFERENTE

Segundo Leezenberg, (2001:69), filósofos e retóricos clássicos, como Cícero e Quintiliano, viam a metáfora como uma questão de semelhança entre os referentes contidos nas expressões.

Cícero, o retórico, via na semelhança entre os referentes das palavras a resposta para a interpretação da metáfora, porque só se compara o objeto à coisa que se parece com ela e é preciso conhecê-la para saber descrevê-la. Se o referente é desconhecido, não há como se perceber a semelhança.

Para Cícero, “en la metáfora, la comparación está reducida a una sola palabra, puesta en lugar ajeno como si fuera propio: si se comprende, agrada; si la semejanza no existe, la metáfora queda sin efecto alguno”. (CÍCERO, tradução espanhola 1951:217) Além disso, pode-se estabelecer relações metafóricas entre quaisquer classes de coisas. A única restrição é quanto ao estilo. Por exemplo, pode-se criar uma expressão metafórica, cujos referentes se identifiquem, como “A lua é uma tapioca”, cuja semelhança entre os dois elementos é a cor branca. Mas essa metáfora não será facilmente aceita por uma questão de estilo, porque não tem expressividade. Com base no estilo e na expressividade, ela seria rejeitada,

pois, para Cícero, metáforas são palavras que nascem da necessidade ou da pobreza da linguagem, por uma questão de prazer e elegância. (cf. op.cit.: 218)

Além disso, Cícero acreditava que o uso metafórico era um desvio do uso lingüístico normal, já que a palavra está sendo usada num contexto diferente do considerado corriqueiro. Segundo ele, (cf. op.cit.:216)

Hay un género de ornato propio de cada una de las palabras, y otro que resulta de su construcción y enlace. Usemos, pues, o de palabras propias, que son el nombre verdadero de las cosas, y nacieron, digámoslo así, con las mismas cosas, o de palabras trasladadas de su significado primitivo, o de palabras nuevas e inventadas por nosotros mismos.

Mas, mesmo considerando-a como um desvio, a metáfora deveria ser usada quando necessária e, segundo o retórico, qualquer palavra, de qualquer natureza, poderia servir para metaforizar qualquer domínio. Ele estabeleceu um critério para reconhecimento do que chamava de “boa metáfora”. Primeiro, o falante deveria evitar falsas analogias e não forçar uma metáfora artificialmente. E, finalmente, evitar vulgaridades, pois, segundo ele, a metáfora torna tudo tão evidente diante dos olhos de quem a ouve, que vulgarizar as palavras tornaria as intenções de quem a pronuncia muito claras. Implicitamente, a visão de Cícero antecede ou remete à questão de a linguagem ser vista classicamente como uma roupagem para o pensamento.

Outro retórico clássico que discorreu sobre a metáfora foi Quintiliano. Para ele, “a metáfora é uma forma mais curta de comparação” (apud. LEEZENBERG, op. cit.: 70), idéia bastante próxima da teoria de Cícero. Mas ele a estende um pouco mais, propondo que o objeto é, na verdade, substituído por um outro objeto, que a metáfora designa. Essa idéia de substituição de objetos, no entanto, não considera as propriedades do objeto que são ressaltadas, como veremos na análise de dados desta dissertação. Ele também considera que a metáfora faz parte de um uso tão inconsciente que os falantes podem formulá-la sem perceber e que seu uso se dá devido à necessidade de tornar o que se pretende dizer mais claro ou mais bonito.

No entanto, Quintiliano, ao contrário de Cícero, não sugere que a metáfora seja um desvio ou uma inadequação, apenas seu uso, em contextos particulares e modos de discurso, pode ser inadequado. Zanotto (1996:211) afirma que a metáfora foi tratada por muitos séculos como um ornamento, pois não acrescentava nenhuma informação nova. Era um desvio da linguagem comum, e necessária à linguagem poética e persuasiva.

Essa abordagem da metáfora, que leva em consideração a semelhança entre referentes, embora seja clássica, apresenta três questões relevantes. A primeira questão é a definição de metáfora como símile elíptico, sugerindo que o significado literal de uma metáfora é equivalente ao de uma comparação.

Observe o exemplo:

(05) O homem é um lobo.

Segundo os autores mencionados acima, a sentença (05) é empregada para dizer que o homem é como um lobo e não que ele realmente é um lobo, só que a comparação é mais fraca do que a metáfora.

Contrariando essa definição de metáfora, Davidson (1979:42) observa que “a teoria do símile elíptico não faz distinção de significado entre uma metáfora e alguns símiles, e não fornece nenhum fundamento para falar de significados figurativos, metafóricos ou especiais”. De acordo com ele, a falha da teoria do símile elíptico está em transformar o significado implícito da metáfora em algo evidente e óbvio. Para ele, enquanto o símile declara, a metáfora insinua, portanto, o significado literal da metáfora não pode ser igual ao significado literal do símile. Essa teoria parece prever que interpretar e parafrasear uma metáfora são procedimentos fáceis, e assenta-se na hipótese de que as metáforas dizem explicitamente o que os símiles dizem. Ao definir a metáfora como símile elíptico, os referencialistas estão querendo dizer que o significado está apenas abreviado, como se fosse apenas uma questão da presença ou não de sinais lingüísticos na estrutura superficial (cf. ORTONY, 1993:344), como a partícula comparativa “como”. Segundo esse autor, essa regra não funciona para todos os tipos de metáforas e, se ela for

verdadeira ou houver alguma forma de tornar plausível ver uma metáfora como um símile elíptico, só será por meio da consideração de que a comparação implícita na metáfora é uma comparação literal, isto é, um uso literal da linguagem.

Símile e metáfora parecem veicular semelhanças entre "coisas", objetos ou pessoas. Mas, enquanto o símile, segundo Davidson (op. cit.:42), "deixa-nos a tarefa de selecionar alguma característica comum aos dois elementos, a metáfora não afirma explicitamente uma semelhança, mas nos leva a buscar características comuns, ainda que não as mesmas do símile." Ortony (cf. op. cit: 345) acrescenta que a metáfora é um tipo de uso da linguagem, e símile, por outro lado, é um tipo de processo psicológico. Dessa forma, reduzir metáfora a símile não resolve os problemas relacionados à interpretação de ambas.

A segunda questão relevante é que os autores referencialistas afirmam que a metáfora utiliza os referentes de expressões já conhecidas como determinantes da interpretação metafórica. Eles entendem que, em (05), "homem" e "lobo" compartilham uma propriedade, mas não a apresentam e nem explicam a questão. Entretanto, atualmente já se sabe que o compartilhar de propriedades é o aspecto mais importante da metáfora, do ponto de vista semântico, e que essas propriedades não são inerentes ao objeto, mas podem ser construídas.

Putnam (1975:216), ao afirmar que o conceito de significado é ambíguo, diz que, quando tentamos defini-lo, tendemos a confundir o significado da palavra com o significado da coisa. Ele afirma que as noções de ¹extensão e ²intensão foram criadas com a função de eliminar essa ambigüidade. Mas uma palavra não representa uma "coisa" apenas, ela é um termo, com um sentido atribuído pelo contexto de uso, uma extensão e uma intensão.

Observe o exemplo abaixo:

(06) Maria é uma galinha.

Os termos "Maria" e "galinha" possuem extensões e intensões diferentes. "Maria" é nome próprio, que pode designar muitas mulheres

¹ Conjunto de coisas que o termo nomeia.

² Conjunto de traços que identificam a extensão

diferentes; os traços fundamentais são: pessoa, sexo feminino. “Galinha” é um termo, que, originalmente, designa um animal, cujos traços são: ave, da família dos galináceos, fêmea, possui penas, asas, bico etc. No entanto, a sentença (06) permite uma interpretação metafórica, dada pelos sentidos atribuídos aos seres “Maria” e “galinha”, que não depende da intensão original desses termos, mas de um conjunto de traços determinados pelo contexto de uso.

A terceira questão é consequência natural da segunda. Os referencialistas vêem a metáfora como derivada do significado literal. Assim, há um duplo significado: o literal que é a base, e o figurativo que é o seu derivado. E de alguma forma esses significados são ativos. Zanotto (cf. op.cit.:211) afirma que, na visão do racionalismo aristotélico e cartesiano, a oposição literal/metafórico é muito forte, pois a ciência necessita da razão enquanto a arte poética é feita de metáforas.

Para a interpretação de uma sentença, levando em consideração a possibilidade de existência de um duplo significado, é necessário avaliar as circunstâncias de emissão e as condições para que tal sentença seja verdadeira. (cf. CHIERCHIA, 2003:201) Mas não existem razões que possam justificar a necessidade de conferir à metáfora “status” de sentença verdadeira ou falsa, afirma Davidson (cf. op. cit.: 45), já que “as metáforas significam aquilo que as palavras, em sua interpretação mais literal, significam, e nada mais do que isso”. Essa busca da verdade só é pertinente entre os lógicos. (cf. FREGE, 1978:69)

Na sua abordagem, Davidson tenta provar que a metáfora não apresenta algo além do seu sentido ou significado literal, não correspondendo a um novo sentido ou significado aplicado às palavras, como no caso da ambigüidade. A metáfora, para esse autor, não é uma questão de significado, mas sim de uso.

Além da obscura distinção entre base literal e derivação metafórica, o ponto de vista referencialista apresenta alguns problemas.

O primeiro problema é que “a noção de comparação ou de similaridade não explica ou reduz de forma alguma o aspecto figurativo da metáfora:

comparações podem ser tão figurativas quanto metáforas” (LEEZENBERG op. cit.:73). O fato de (05) ser uma metáfora cuja interpretação parte da “possível” similaridade entre “homem” e “lobo” não é suficiente para explicar a aceitação da metáfora e nem mesmo para fundamentá-la teoricamente, pois o conceito de similaridade, apesar de muito importante por estabelecer uma aproximação entre linguagem e realidade, não é explanatório para o fenômeno lingüístico específico. (ORTONY, op.cit.: 343) Observe a sentença abaixo:

(07) Dicionários são minas de ouro.

“Dicionários” e “minas de ouro” compartilham alguns predicados. Segundo o modelo de Tversky (apud. ORTONY, op.cit.:342), é baseado na combinação desses predicados (traços para Tversky) que se mede o grau de similaridade entre os dois objetos. No caso de (07), “dicionários” podem apresentar os seguintes predicados: são “recipientes” dos quais se retiram “coisas”. O mesmo pode-se dizer de “minas de ouro”. A diferença é que, tiram-se objetos materiais de valor das minas de ouro; e dos dicionários, tiram-se “objetos” de cunho intelectual e, portanto, abstratos. Assim, a similaridade não é absoluta. (cf. ORTONY, op. cit.: 347). Compreender e aceitar essa metáfora dependerá da noção que o ouvinte tenha de valor, tornando assim a similaridade algo relativo e abstrato. Por isso, a similaridade não pode ser a única forma de explicar o elemento figurativo da metáfora, pois “fazer metáfora não é algo no qual relações habituais estejam envolvidas, mas um fato que, interpretado literalmente, é uma afirmativa falsa”. (cf. ORTONY op.cit.: 343) Pode-se dizer que essa falsidade advém da questão de que, se existe similaridade entre os elementos que constituem a metáfora, ela não é total e irrestrita, é relativa. O que faz as pessoas compreenderem a metáfora não é a similaridade, segundo esse autor, é algo não descrito por ele, que resulta numa coerente interpretação de algo que, se tomado literalmente, é falso ou sem sentido no contexto em que ocorre.

A segunda questão atinge o cerne da visão clássica de metáfora, que é a percepção da existência de um referente para cada expressão. Para os lógicos, essa questão está diretamente ligada à necessidade de encontrar

um valor de verdade para toda sentença que é emitida pelo homem (cf. FREGE, op. cit.: 68). A maioria dos referencialistas afirma que uma sentença “A é B” pode ser transformada em “A é como B”, sem interferência nas condições de verdade (cf. CHIERCHIA, op. cit.: 207). Mas, nem sempre é possível adicionar o “como” para transformá-la numa comparação.

Observe as sentenças abaixo:

(08) João é um leão.

(09) João é como um leão.

À primeira vista, (08) e (09) são proposições iguais para os referencialistas. Mas, quando se trata de encontrar o valor de verdade dessas sentenças, elas se tornam muito diferentes. Por exemplo, se João for um ser humano que compartilha a propriedade de bravura com os leões, a sentença metafórica (08) será literalmente falsa, já que João apenas compartilha uma propriedade do leão, e não todas, portanto não é um leão. Já a sentença (09), que é uma comparação, passa a ser verdadeira nessas condições, porque, como dito anteriormente, o leão não compartilha todas as suas propriedades ou intensões com o ser humano, apenas aquela que diz respeito a sua bravura. Assim, ambas sentenças não parecem ter o mesmo valor de verdade, portanto (08) não pode ser transformada em (09) aleatoriamente, como pretendem os referencialistas.

De acordo com Ortony (cf. op. cit.: 347), é possível considerar (09) como uma verdade literal, baseando-se na crença de que em algum grau, tudo é como todas as outras coisas, ou seja, tudo pode ser considerado similar a qualquer coisa. Como consequência disso, não há possibilidade de sentenças de similaridade serem falsas. Podem até ser consideradas tautologias e, mesmo assim, serão verdadeiras.

Além disso, a sentença (09) não deixa de ser figurativa, apesar de não ser metafórica. Segundo Ortony (cf. op. cit.: 347), existem comparações explícitas, conhecidas de todos pela presença do conectivo “como”, e comparações implícitas, que são os símiles. A sentença (09) é uma comparação não-literal, um símile. Mas observe:

(10) João é como seu pai.

A sentença (10) é considerada uma sentença de similaridade normal, aceita pelas pessoas, sem hesitação, como verdadeira. Enquanto a sentença (09) só é compreendida como verdade, se vier junta a expressões como “do tipo”, “da classe dos” etc.

Outra questão relevante é que é possível construir uma metáfora com termos sem extensão, ou seja, com palavras sem um referente (cf. FREGE, op. cit.: 67). Exemplos de termos sem extensão são os seres ficcionais. Observe os exemplos, retirados de Leezenberg (cf. op. cit.:74):

(11) João é um Don Giovanni.

(12) Sally é um dragão.

Nas sentenças (11) e (12), não existem seres verdadeiros servindo como referentes das expressões. “Don Giovanni” é personagem fictício e “dragão” é um animal mitológico. Desse modo, não é possível manter a teoria de que a metáfora compara propriedades de referentes, já que essas sentenças são metafóricas e não têm referentes. Para essa questão, os referencialistas apresentam dois caminhos:

a) empregar uma semântica intensional ou semântica de traços (cf. PUTNAM, op. cit.: 218), na qual as propriedades de alguns objetos possíveis em algum mundo possível determinam a interpretação da metáfora no mundo real. Ou seja, é possível entender uma metáfora independente da sua referência, bastando para isso observar os traços que presumidamente a definem, o que refuta a teoria referencialista.

b) afirmar que não são os objetos e suas propriedades, mas as representações e as características associadas a eles que estão envolvidas na determinação das semelhanças.

No primeiro caso, é a intensão ou o sentido fregueano, que aparece no processo de interpretação da metáfora. No segundo caso, o que vai sustentar a interpretação metafórica é o conceito ou a representação, mais do que a referência, que é o próprio objeto para os lógicos, (cf. FREGE, op. cit.: 107) ou a extensão. Assim, o primeiro caminho aponta para a visão descritivista e o segundo, para a conceptualista. A proposta de trabalho desta dissertação está direcionada para o segundo caminho: o caminho do

conceito, da representação, que é inteiramente subjetiva, e do estereótipo (cf. PUTNAM, op. cit.: 251), como sustentáculo da interpretação metafórica.

A última questão diz respeito ao estereótipo e pode relacionar-se às questões tratadas anteriormente. Uma interpretação metafórica possivelmente não envolverá apenas as propriedades verdadeiras dos termos usados metaforicamente, mas as propriedades estereotípicas que estão comumente relacionadas a eles. Se for assim, a metáfora pode ser verdadeira ou apropriada, mesmo que a comparação seja falsa. Observe (08) e (09). Isso é um problema para a hipótese referencialista, porque mais uma vez não pressupõe a existência de um referente objetivo. Induz a pensar que não são apenas as propriedades dos referentes que importam na interpretação de uma metáfora. Aponta para uma das hipóteses dessa pesquisa que é a existência de estereótipos como representações dos objetos.

Putnam (cf. op.cit.: 250) afirma que a comunidade de fala é responsável pela escolha dos termos que usa, mesmo desconhecendo qualquer descrição real da extensão do termo. Essa comunidade deve possuir uma mínima competência para, independentemente de critérios de identificação, de verificação ou conjunto de descrições necessárias para se reconhecer uma palavra e seu referente, construir os significados necessários à comunicação. Nessa construção, ela dispõe de idéias convencionais, algumas vezes inexatas, como afirma Putnam (op.cit.: 249): “a stereotype is a conventional (frequently malicious) idea (which may be wildly inaccurate) of what an X looks like or acts like or is.” O fato de um traço ter se tornado parte da descrição de uma coisa ou de uma pessoa não significa que ela realmente possua esse traço. Ele pode ter sido criado a partir de uma característica de um dos membros da classe em questão. Um exemplo que confirma a construção de uma metáfora com base em imagens sociais pré-estabelecidas são as sentenças:

(13) Ela é uma galinha.

(14) Ela é uma raposa.

Em (13) e (14), têm-se metáforas formadas a partir da aproximação entre o gênero feminino e as fêmeas galinha e raposa. Em (13), o traço real que aproxima os elementos “Ela” e “galinha” é serem do gênero feminino. Os demais traços são apenas suposições construídas com base no estereótipo corrente na comunidade de fala brasileira, que caracteriza o animal galinha como promíscuo, prostituído, fácil. Mas, ainda que esses traços nem existam, eles são transferidos à mulher e aceitos entre as pessoas. O mesmo ocorre em (14), com o diferencial de que os traços do animal “raposa”, que são transferidos para a mulher, são esperteza, sagacidade, características que podem ser consideradas positivas, dependendo do ponto de vista. No entanto, tanto os traços negativos quanto os positivos são estereotipados socialmente. Glucksberg (2001:75), tratando das expressões idiomáticas, considera que elas, assim como as metáforas, trazem à mente uma instância prototípica ou estereotípica de uma categoria inteira de pessoas, eventos, situações ou ações. É assim que se constrói um estereótipo.

Assim, muitas metáforas envolvem estereótipos determinados culturalmente em vez das reais propriedades dos referentes e esse ponto será importante na análise conceitual que será empreendida neste trabalho. Mas é importante salientar que Putnam fala em determinação cultural, mas trabalha com o significado das palavras isoladas, não em contexto. (cf. SANTOS 2003:3)

2.3 TRANSFERÊNCIA DE SIGNIFICADO

Uma corrente de estudiosos, distinta da anteriormente mencionada, considera que a referência ou a extensão da expressão aplicada metaforicamente e a semelhança entre objetos não determinam a interpretação metafórica. São aspectos como sentido ou intensão, ou mais geralmente a informação descritiva associada ao significado, que determinam qual a interpretação ideal para uma determinada metáfora. Essa corrente, denominada *descriptivismo*, normalmente explica a interpretação metafórica em termos de transferência de significado. Para eles, é exatamente a falta de semelhança entre as palavras, chamada de “oposição lógica” ou “conflito semântico”, que autoriza o reconhecimento da metáfora.

A informação descritiva pode, mas não precisa ser parte do significado de uma expressão, no sentido estrito da palavra. Ela pode também ser associada ao significado e constituir suas conotações em vez de denotações. Têm-se aqui os “estereótipos”. (cf. PUTNAM op.cit.251)

Na visão *descriptivista*, a interpretação metafórica não envolve as propriedades dos objetos, mas sim uma mudança no significado ou no sentido, e não exatamente na referência, de pelo menos uma das expressões. Na sentença “O homem é um lobo”, não pode ser o sentido literal da expressão “lobo” que determina a interpretação, como aduz a abordagem anterior. Em vez disso, “lobo” adquire um sentido novo ou metafórico conforme o contexto verbal específico. Há alguma incompatibilidade na estrutura lingüística da predicação que exige a criação de uma nova intensão. É essa incompatibilidade que os autores chamam de “conflito semântico”.

Literalmente, homens não são lobos, e isso dá a pista de que um sentido não-literal de “lobo” deve ser construído em (05). Na verdade, é o estranhamento causado pela incompatibilidade entre as expressões homem e lobo que conduz à interpretação metafórica.

Segundo Nunberg (1994: 110,111), há duas classes de transferência de significado que precisam ser explicadas por mecanismos lingüísticos e não

apenas propriedades encontradas nas descrições das coisas: metonímia e metáfora. A primeira condição para que haja transferência de predicado é que “a propriedade cujo predicado derivado denota tem que corresponder à propriedade denotada pelo predicado original”. (NUNBERG, op.cit.: 112) Metonímias são construídas a partir de relações, e metáforas, a partir da alteração do significado inicial.

Tratando do quadro descritivista, em que o significado tem mais importância que a referência, é importante mencionar a Teoria da Interação (BLACK, 1993:27), que foi a primeira a analisar a metáfora, dando-lhe um tratamento direcionado ao significado das palavras e não aos seus referentes. Nessa teoria, a noção de referente é substituída por “palavras” e suas associações, e a existência de um “sistema de relacionamentos” ou de um “complexo implicativo”, em vez de simplesmente os termos “idéias” ou “coisas”. Complexo implicativo são opiniões compartilhadas por membros da comunidade de fala, ou estereótipos intersubjetivos. Segundo ele, um “complexo implicativo” consiste em proposições e afirmações. Entretanto, parece incoerente dizer que um complexo implicativo seja uma afirmação, já que permanece implícito ou pressuposto.

Black apresentou o modelo original da sua teoria na obra *More About Metaphor*. (cf. op. cit.: 27) Para compreendê-la, observe a tabela a seguir:

TABELA 1 - SENTENÇA METAFÓRICA NA TEORIA DA INTERAÇÃO

O	HOMEM	É	UM	LOBO
	↓		↓	
	FRAME (moldura)		FOCO	
	↓		↓	
	Contexto verbal literal		Adquire significado metafórico	
	↓		↓	
	Sujeito principal		Sujeito secundário	

A tabela acima apresenta a sentença predicativa (05), do ponto de vista da Teoria da Interação. Nessa sentença, “homem” é o frame, ou seja, a moldura, para a qual “lobo” é o foco, ou o centro. O frame é responsável pelo contexto verbal literal e é também denominado pelo autor de sujeito principal. O foco, ou o centro, adquire significado metafórico e é denominado sujeito secundário. Segundo Black (op.cit.27), “a dualidade da referência é

marcada pelo contraste entre a afirmação metafórica ‘Focus’ (a palavra ou palavras usadas não-literalmente) e o ‘Frame’”.

A noção de interação entre sujeitos de Max Black é aplicada da seguinte forma: a presença do sujeito primário incita o ouvinte a selecionar algumas das propriedades do sujeito secundário (Ver quadro 01). Dessa maneira, o ouvinte constrói um complexo implicativo paralelo, que possa caber no sujeito primário e, reciprocamente, induz a mudanças no sujeito secundário.

É importante mencionar que, para Black, sujeito é um “sistema de coisas”, não são coisas. Ele afirma que os sujeitos que interagem devem ser vistos como significados.

De acordo com Black (cf. op.cit.: 25 e 26), os dois sujeitos interagem. O frame HOMEM impõe uma extensão de significados sob o foco LOBO. O efeito dessa extensão é que o ouvinte constrói o já citado “sistema de relacionamentos” ou “implicações” ou “complexo implicativo”, para o sujeito principal, que será determinado pelas implicações associadas ao uso literal da expressão focal, no caso lobo=cruel.

Desse ponto de vista, sistema de relacionamentos é um conjunto de indícios ou possibilidades que permitem uma determinada interpretação a uma sentença metafórica. Assim, tanto o sujeito primário (frame) quanto o secundário (focus) são definidos a partir de um sistema e não de um pensamento individual.

São os domínios lingüísticos que determinam que expressões devem valer mais como metáforas. (BLACK, op.cit.: 31) Entretanto, os domínios não são tratados na Teoria da Interação; ela não mostra como se reconhece uma metáfora e não explica como ocorre essa determinação. Acrescenta que, como esses domínios deixam vazios consideráveis para variações individuais e criações de qualquer forma, o reconhecimento e a interpretação da metáfora também requerem atenção ao contexto de modo e à intenção do falante. Os critérios não precisam ser estritamente semânticos ou lingüísticos. Portanto, as metáforas podem ser também tratadas pragmaticamente, em termos de contexto, em parte pelo significado

intencional do falante, em vez de basear-se na deficiência do significado literal.

Dentro dessa visão pragmática, a metáfora envolve mudança de significado do falante para o significado do ouvinte, ou seja, o falante diz uma coisa (significado literal) e quer dizer outra (interpretação metafórica) (cf. SEARLE, 1995:122). Black (cf. op. cit.: 28) rejeita a idéia de que a metáfora seja vista como um caso de “dizendo uma coisa e significando outra”, como se ela fosse um caso de desvio do uso apropriado.

A abordagem do filósofo americano Nelson Goodman sobre a metáfora é mais pragmática e, em alguns pontos, mais clara que a de Black. Ele trabalha especificamente com as metáforas de cor: “A vida é cinza”. “Está tudo azul”. E afirma que “as metáforas são o que realmente parecem ser”: sentenças de classificação, ou de inclusão de classe. Black (op.cit.: 20) afirma que Goodman considera todos os usos figurativos da linguagem como metafóricos, sem fazer distinção entre metáfora e comparação; entre metonímia e sinédoque.

Quanto às condições de verdade, Goodman considera que o uso metafórico não difere do uso literal, pois ambos podem ser tão verdadeiros ou tão falsos quanto quaisquer outros usos. (cf. GOODMAN, 1979: 181) Dessa forma, um termo é considerado metafórico somente se em algum outro ponto for contra-indicado, ou seja, se for em dado contexto uma anomalia. Quando ocorre essa contra-indicação e imediatamente dá-se o que ele chama de “renomeação bem sucedida” do termo antes não aceito, tem-se uma metáfora. Gibbs (1994:223) discorda dessa posição, afirmando que há diversas expressões anômalas que não são metafóricas. Um bom exemplo da renomeação bem sucedida, retirado desta pesquisa, é:

(15) Ela é turbinada.

O termo metaforizado em (15) é usado literalmente para referir-se a máquinas. Ao aplicá-lo à mulher, ele está sendo renomeado de forma bem sucedida, porque se alcança o objetivo de aproximar a mulher de uma máquina. (Veja a análise mais detalhada dessa sentença no capítulo de análise dos dados)

Goodman (1976:71) introduz a noção de Rótulo *label*, que é o equivalente a predicados e, segundo o autor, não funcionam isolados, mas sim em família. Os Rótulos pertencem a um Esquema, que é um “conjunto de rótulos alternativos”. Os esquemas determinam um campo ou um domínio e funcionam como um tipo de contexto que delimita a classificação. Observe a tabela a seguir:

TABELA 2 – NOÇÃO DE RÓTULO, SEGUNDO NELSON GOODMAN

ESQUEMAS	
Rótulo alternativo	Rótulo alternativo
Extensão 1	Extensão 2
Cinza: cor	Cinza: humor

Goodman não vê a metáfora como apenas a aplicação de um Rótulo num novo contexto, mas como “um erro de categoria deliberado ou calculado”. (cf. GOODMAN op.cit.: 69) Ele define o literal como independente de contexto relativo e de novas formações de esquemas. Assim, percebe-se que ele valoriza o literal e, como referencialistas e descritivistas, considera o significado metafórico secundário, como uma ruptura lógica da interpretação literal.

Observe a sentença:

(16) A pintura é cinza.

O Rótulo ou predicado nessa sentença é triste e a propriedade, tristeza. Mas, para Goodman, em (16) a propriedade tristeza não determina a interpretação metafórica da sentença, porque ele não pretende usar uma semântica intensional ou de traços. O mais importante para ele é o que chama de Rótulo, ou seja, os domínios nos quais essa metáfora possa ser interpretada. E a transferência metafórica de um domínio de um simples Rótulo levará a outros rótulos. É uma migração de conceitos e uma alienação de categorias, conforme o autor. A metáfora envolve um choque lógico a *logical clash*, um conflito semântico. (cf. GOODMAN, op.cit.:69)

Sua abordagem é considerada extensionalista, mas ele discute uma mudança na extensão e no domínio dos rótulos, e vê a interpretação

metafórica guiada e restrita mas não determinada pelas propriedades dos objetos na extensão literal.

Segundo o autor, e isso é um ponto muito importante para esta pesquisa, predicções metafóricas são sentenças de categorização ou classificação, que podem ser aplicadas igual e corretamente como asserções literais.

Observe os exemplos a seguir:

(17) Ela é dona do próprio nariz.

(18) Ela é loira.

(19) Ela é uma mãe.

Todas essas sentenças são predicções metafóricas reconhecidas como tal, mas principalmente a (18) e a (19) podem ser aplicadas como literais. A (17) ainda dependerá de uma situação mais incomum ou de ser uma sentença dita num diálogo infantil. Mas também é possível interpretá-la literalmente.

Uma questão relevante no estudo da metáfora e que todos os autores até aqui mencionados, inclusive Goodman, não tratam é: que tipo de propriedade é classificada. Não se sabe se são as propriedades clássicas: +humano/-humano; +animado/-animado; abstrato/concreto. Ou se são propriedades construídas no contexto de fala. Fala-se muito sobre traço ou propriedade e até se mede o grau de similaridade entre elementos da expressão metafórica a partir da qualidade da combinação de traços ou do número de predicados salientes compartilhados (cf. ORTONY, op. cit.: 349), mas não há aprofundamento no que tange aos tipos de propriedades ou predicados existentes ou possíveis.

Assim como a visão referencialista apresentava algumas questões não resolvidas, é possível observar também alguns elementos a serem discutidos na visão descritivista, como o que diz respeito à diferença entre a linguagem literal e a linguagem metafórica, e à questão da interpretação metafórica.

Quanto à questão do literal e do metafórico, algumas características lingüísticas distinguem os dois usos. A presença de uma anomalia

semântica ou de qualquer outro suposto desvio na linguagem não é condição suficiente para que a sentença ou afirmação seja uma metáfora. Nem todas as metáforas são claramente falsas ou absurdas e, ao contrário, nem todas as falsas afirmações obviamente recebem uma interpretação metafórica (cf. DAVIDSON, op. cit.: 46). Uma sentença afirmativa literalmente falsa pode muito bem ser interpretada como um erro factual. Por outro lado, muitas metáforas não exibem claramente nenhum "conflito semântico", como nos exemplos abaixo, retirados de Leezenberg (op cit.: 80).

- | | | |
|------|-------------------------------|----------------------|
| (20) | A vida não é um mar de rosas. | (negação) |
| (21) | Ancorage é uma cidade fria. | (ambigüidade) |
| (22) | <u>Isso</u> é uma pocilga. | (elemento indexical) |

A interpretação dessas sentenças depende de quem fala e do contexto. Se alguém diz a sentença (20) querendo referir-se, por exemplo, a coisas que não fazem parte da descrição da vida, pode estar fazendo uma afirmação literal, porque, além de não existir mar de rosas, a vida realmente não é um "mar de rosas". Em (21), encontra-se uma ambigüidade e não uma metáfora, pois a cidade pode ter um clima frio e, ao mesmo tempo, ser uma cidade cujos habitantes são inábeis ou indiferentes nas relações sociais. Inclusive Davidson (cf. op. cit.: 38) afirma que a diferença entre ambigüidade e metáfora é que a primeira dispõe de um contexto comum e outro metafórico para a mesma palavra com dois ou mais significados e não se hesita quanto ao significado que vai ser aplicado; e a segunda tem apenas um contexto munido de dois significados, um original e o outro novo e hesita-se diante da escolha entre os dois. Em (22), tem-se um dêitico e, como é natural a essa classe, a sua interpretação, tanto literal quanto metafórica, vai depender da referência.

A interpretação metafórica não pode ser vista como uma função dos significados dos termos individuais da sentença. Entre os descritivistas, ela é tratada como se surgisse pelo conteúdo semântico literal que tipicamente permite uma falsa, ou até mesmo absurda, sentença. O significado literal, por alguma razão, é cancelado ou anulado pelo "conflito semântico" ou

“oposição lógica” entre estes componentes e, no lugar dele, um significado metafórico é produzido.

Apesar dessa postura semântica, a teoria da metáfora, do ponto de vista descritivista, não pode ser vista como tipicamente semântica, já que eles não consideram a interpretação metafórica da sentença como uma função do significado literal das partes componentes. Dessa forma, para os autores que são considerados descritivistas, a metáfora não é uma questão de interpretação, mas sim de construção de significado, levando em consideração o contexto. Tal atitude aponta para uma forma mais pragmática de encarar a metáfora.

Alguns autores, vendo alternativas pragmáticas para a solução dos problemas da visão descritivista, consideram o sentido metafórico como uma inferência pragmática, levantando a questão do conteúdo semântico “defeituoso”.

Finalmente, parece existir uma certeza de que o significado literal é automático e designado para a sentença na ausência de outros. O problema de como se origina o significado metafórico tem início anterior à história da metáfora. A questão que se coloca é que se for o significado da palavra que determina a interpretação metafórica, como é possível descrever algumas novas percepções como metáforas? Aqui surge a dificuldade com a interpretação da metáfora nova, outro grande problema das teorias sobre metáfora e que pode ser revisto a partir de uma análise mais pragmática e contextual do sentido da metáfora.

Com relação às metáforas novas e à criação da similaridade, todas as teorias apresentam os mesmos problemas. Mas os descritivistas afirmam que, quando se percebe a incoerência de um sentido metafórico, o ouvinte constrói outro sentido também metafórico. Essa forma de explicar a metáfora nova pressupõe que o significado metafórico depende de fatores contextuais e que metáforas não são anomalias lingüísticas e nem resultam apenas de fatores semânticos. Isso reafirma o anteriormente dito: não é um tipo de sentença, mas uma sentença num contexto ou talvez até mesmo uma afirmação que recebe a interpretação metafórica.

A pergunta que se faz é como a abordagem descritivista vê a transferência do significado comum para novos domínios, já que muitas vezes os componentes da metáfora não compartilham nenhuma relevante propriedade semântica entre eles.

2.4 A METÁFORA CONCEPTUAL

2.4.1 Introdução

A terceira corrente que é necessário apresentar é a Conceptualista, encabeçada por Lakoff & Johnson (1980, tradução 2002), que representou uma ruptura paradigmática em relação à visão objetivista da metáfora (Grice, Searle e Davidson) e uma contribuição de natureza epistemológica aos referidos estudos. A partir daí acontece uma reformulação de conceitos no que tange à objetividade, à compreensão, à verdade, ao sentido e à metáfora. Idéias que percorreram as teorias referencialistas e descritivistas, como, por exemplo, a concepção de metáfora como desvio da linguagem e/ou como fenômeno pertencente às linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, perdem a consistência teórica. Pensar em verdades como únicas e independentes passa a ser um raciocínio ultrapassado e questionável. Segundo Ortony (cf. op. cit.: 1, 2), o novo paradigma se denominará construtivista, por conceber a idéia de contexto e interatividade em seu processo. Nesse paradigma se baseará a pesquisa em questão.

As maiores mudanças começaram a ocorrer na década de 70, quando a metáfora tornou-se objeto de estudo das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva, com a publicação da obra *Metaphor and Thought* (ORTONY, 1979), que continha o artigo *The conduit metaphor*, de Reddy (1ª. edição 1979), traduzido para o português como a Metáfora do Canal.

Mas Lakoff & Johnson (op.cit.) foram os primeiros que conceberam a existência de dois tipos de metáforas: a metáfora conceptual e a metáfora lingüística. Eles partiram da análise de expressões lingüísticas consideradas

metafóricas e inferiram um sistema conceptual metafórico que subjaz à linguagem e que influencia o pensamento e as ações humanas.

A teoria conceptualista de Lakoff & Johnson destruiu algumas dicotomias que prevaleciam na literatura sobre o tema, como:

1. Literal x Metafórico

Ao considerar que a maioria das nossas produções de linguagem é metafórica, a idéia de existência de uma linguagem literal e outra metafórica perdeu o sentido. O que antes era visto como literal ficou relegado apenas aos conceitos concretos, que são poucos. Já o metafórico, passou a ser visto com maior abrangência, já que os conceitos abstratos e as nossas emoções são representados metaforicamente.

2. Linguagem Cotidiana x Linguagem Literária

Os autores mostraram que, no cotidiano, assim como na literatura, há uma quantidade enorme de metáforas, desfazendo assim a idéia de que o uso de uma figura de linguagem era um desvio praticado pela literatura e que não deveria existir na fala cotidiana, nem na ciência.

Segundo os autores, “a metáfora não pode ser encarada apenas como a transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu, baseada numa relação totalmente subjetiva, nem sequer aplica-se somente à linguagem poética” (cf. LAKOFF & JONHSON, op. cit.: 45). Há que se diferenciar a metáfora conceptual, que organiza o nosso modo de representação e categorização do mundo e que é a base do mapeamento conceptual, da metáfora lingüística, que corresponde à materialização da estrutura conceptual subjacente. Em outras palavras, quando um uso lingüístico vem a ser considerado metafórico, é porque está se fazendo uso de uma estrutura conceptual mais abrangente. Para eles, a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Muitas experiências são abstratas, o que cria a necessidade de buscar um elemento concreto para torná-las compreensíveis. Segundo os autores, é essa necessidade que faz com que a metáfora estruture o sistema conceptual humano.(cf. op. cit.: 205).

2.4.2 A Metáfora do Canal

A idéia de Lakoff & Johnson foi uma continuidade da pesquisa iniciada por Reddy (1993), em seu ensaio já mencionado acima, cujo título em português é *A Metáfora do Canal*. Esse trabalho tinha o objetivo de analisar rigorosamente a conceptualização metafórica do conceito de comunicação. O autor tentou descobrir como a questão da comunicação se apresenta para os falantes da língua inglesa. O estudo partiu de duas perguntas: Que tipo de histórias as pessoas contam sobre seus atos de comunicação? e Quando esses atos perdem o rumo, como é que as pessoas descrevem 'o que está errado e o que precisa de conserto'? Seu estudo estendeu-se a enunciados que usamos para falar de comunicação e à categorização dos mesmos em quatro grupos:

1. A linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra;
2. Na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras;
3. As palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas;
4. Ao ouvirem e lerem, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente.

(REDDY, 1993: 164)

A linguagem sobre a linguagem humana, na proposta de Michael Reddy, é estruturada pela seguinte metáfora e seus desdobramentos:

- a) Idéias (ou significados) são objetos;
- b) Expressões lingüísticas são recipientes;
- c) Comunicar é enviar.

Dessa forma, parece que o falante coloca objetos (idéias) dentro de recipientes (palavras) e os envia (canal), estabelecendo assim a comunicação.

Quando se concebe o conceito EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS, está implícita a idéia de que as expressões e palavras já trazem em si seus significados e que não há

nenhuma influência do contexto ou do falante. Ou seja, as palavras são a roupagem do pensamento. SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS implica pensar que tais entidades (significados) existem independentemente de pessoas e contextos.

Lakoff & Johnson (op.cit. 54), abordando os casos de Metáfora do Canal, afirmam que essas metáforas só são adequadas em situações cujas diferenças contextuais sejam irrelevantes e seus participantes compreendam as sentenças da mesma maneira. É possível questionar, a partir desse argumento, se existem situações como as que eles prevêem para a adequação da metáfora.

Reddy coletou para sua pesquisa expressões lingüísticas, como:

(23) Eu lhe dei aquela idéia.

E afirmou que existem situações nas quais o contexto é ou não relevante. Observe:

(24) O significado está bem ali nas palavras. (independe de contexto)

(25) Por favor, sente-se no lugar do suco de maçã. (depende de contexto)

A Metáfora do Canal não se aplica a casos nos quais o contexto é necessário para determinar se a frase tem ou não significado e, se tiver, que significado ela tem.

Os conceptualistas afirmam que a estruturação metafórica é sempre parcial, “porque se fosse total, um conceito seria, de fato, o outro e não simplesmente entendido em termos de outro” (LAKOFF & JOHNSON, op. cit.: 57) e que parte do conceito metafórico nunca se aplica. Quando afirmam que um conceito é estruturado por uma metáfora, querem dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras, como ocorre com a linguagem poética, literária e propagandista.

Segundo Zanotto (cf. prefácio de Metáforas da Vida Cotidiana), o que diferencia Lakoff e Johnson de Reddy é que os primeiros “descobriram as metáforas conceptuais subjacentes às expressões metafóricas, conseqüentemente perceberam que as metáforas lingüísticas são

governadas por generalizações às quais chamaram de metáfora conceptual ou de conceitos metafóricos, que regem nosso pensamento e ação.” Ou seja, temos algumas metáforas conceptuais e várias realizações lingüísticas desses conceitos. Enquanto Reddy se manteve nos conceitos que regem a manifestação lingüística sobre a comunicação, Lakoff & Johnson pesquisou outras metáforas conceptuais e as analisou em seu trabalho.

2.4.3 Classificação das Metáforas

As metáforas conceptuais podem ser, segundo os conceptualistas, estruturais, orientacionais ou convencionais. São metáforas estruturais aquelas nas quais se estrutura um conceito metafóricamente a partir de outro. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op. cit.: 59) As orientacionais “organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro”. (op. cit.: 59) Já as convencionais, “estruturam um sistema conceptual ordinário de nossa cultura, o qual se reflete em nossa linguagem do dia-a-dia”. (op. cit.: 235)

Os autores criaram uma forma particular de representar as metáforas conceptuais e suas expressões lingüísticas. As metáforas conceptuais são representadas em maiúsculas e as expressões lingüísticas metafóricas, que representam tais conceitos, são apresentadas em letras minúsculas e são muitas para cada exemplo de metáfora conceptual.

A primeira Metáfora Estrutural apresentada na obra é o conceito de DISCUSSÃO, cuja metáfora conceptual é DISCUSSÃO É GUERRA. Segundo os autores, as palavras não são iguais, mas a idéia de discussão é parcialmente estruturada, compreendida e realizada em termos de GUERRA. Tanto conceito como atividade e linguagem são metafóricamente estruturados.

Na cultura americana, a idéia de discussão é estruturada em forma de GUERRA. Os autores utilizam, como contraponto a essa idéia, o fato de que em uma cultura cujo conceito de discussão esteja associado a uma dança, as expressões acima mencionadas não farão o menor sentido. Nesse caso,

eles consideram a cultura como um fator preponderante na construção dos conceitos.

Os homens, na guerra, depreciam, desafiam a autoridade, evitam um assunto, negociam, elogiam. Assim mesmo é na discussão. São articulações normais, mas que em algumas culturas são vistas como desleais. Por exemplo, nos meios acadêmicos, jornalísticos, eclesiásticos, diplomáticos, legais etc só são permitidos o estabelecimento de premissas, a citação de evidência e a geração de conclusões lógicas.

Lakoff (cf. 1993:206-207) afirma que o que ele chama de metáfora conceptual “pode ser entendida como um mapeamento sistemático entre dois domínios: domínio-fonte *source domain* e domínio-alvo *target domain*”. Esses elementos são a origem e o destino da metáfora, respectivamente. Ambos os domínios se correspondem sistematicamente, ou seja, seguem um padrão. É esse padrão e possíveis regularidades entre conceitos e elementos lingüísticos que se pretende estudar nesta pesquisa. Sobre isso, Gibbs (1996:309) afirma que a metáfora não pode ser considerada apenas uma figura de linguagem já que é um mapeamento mental influenciador dos pensamentos e raciocínios das pessoas. Grim Cabral (1994:8) afirma que produzir ou compreender metáforas não é apenas uma operação semântica, são processos cognitivos mais abrangentes que modificam os conhecimentos sobre o mundo e conduzem também a uma reorganização de conceitos.

Um exemplo desses processos cognitivos são as Metáforas Orientacionais PARA CIMA/PARA BAIXO, que dão a idéia de inclusão/exclusão, centro/periferia, frente/trás, fundo/raso e organizam a maior parte dos conceitos fundamentais ao ser humano. Essas orientações não são arbitrárias, é o corpo humano, da forma como ele é, e seus movimentos, que fazem surgir essas orientações espaciais e os conceitos metafóricos delas resultantes. Foi a partir dessa metáfora específica que se observou uma necessidade de se estudar caso a caso a base experiencial da metáfora, que ainda é desconhecida. E, apesar da base física, esses conceitos podem variar de cultura a cultura, como se verá na próxima seção.

Da mesma forma como os conceitos abstratos são conceptualizados metaforicamente em termos de espaço, a fala e a escrita também o são. As palavras na frase são organizadas como um objeto espacial, linearmente, obedecendo a uma posição (primeira, segunda ou terceira), um tamanho (longa ou curta) e proximidade (perto e longe). Essa maneira espacial de concepção da frase permite aproximar forma de conteúdo.

A concepção espacial da frase também não é arbitrária, parte do sentido da sentença está vinculada à sua forma. Pode-se deduzir a partir daí que quanto mais forma, mais conteúdo. Na Metáfora do Canal (cf. REDDY, 1993:184), existe o conceito MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO, que confirma essa aproximação. Talvez a espacialização das palavras na frase ocorra em todos os idiomas.

2.4.4 Ontologização, Personificação e Metonímia

Segundo Lakoff & Johnson (1980: 75,76), além da base experiencial física que parte da orientação espacial do indivíduo, pode-se compreender o mundo selecionando partes da experiência do homem e tratando-as como “entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme”. Assim, “podemos referir-nos a ela(s), quantificá-la(s), identificar um aspecto particular dela(s), vê-la(s) como uma causa, agir em relação a ela(s), e talvez, até mesmo, acreditar que nós a(s) compreendemos”. Essas “entidades discretas” são chamadas de Metáforas Ontológicas, ou seja, maneiras de se conceber eventos, ações, atividades, estados, emoções, idéias etc, como entidades e substâncias. Elas são necessárias para tentar lidar racionalmente com as experiências do indivíduo.

Usam-se as metáforas ontológicas para referir-se a algo; para quantificar; para identificar aspectos e causas; e para traçar objetivos e motivar ações.

A partir da idéia de que usamos as metáforas ontológicas também para compreender eventos, ações, atividades e estados, os eventos e ações são

como objetos metafóricos, as atividades como substâncias metafóricas e os estados como recipientes metafóricos. Observe o exemplo:

(26) Você vai à corrida?

A corrida é um evento, porque possui início e fim, portanto é um objeto metafórico; passa a ser uma entidade discreta, que existe no tempo e no espaço com demarcações definidas. É um objeto recipiente, porque dentro dele ocorre a atividade de correr, que seria uma substância metafórica. E os participantes da corrida são também objetos dentro desse recipiente.

Quando os objetos físicos são concebidos como pessoas, ocorre a personificação que também é um fenômeno de ontologização. A metáfora da personificação “nos permite compreender uma grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op. cit.: 87). É algo não-humano compreendido como humano.

Mas a personificação não é um processo geral e único, porque cada personificação vai selecionar aspectos humanos diferentes, como no caso da inflação, por exemplo, que pode ser uma pessoa, um adversário. A personificação é uma categoria geral que tenta dar explicações coerentes a situações que não se conseguem explicar.

Contraopondo-se à personificação, há a metonímia, que é usada para se referir a uma pessoa ou objeto reais. A metonímia é o uso de uma entidade para referir-se a outra que se relaciona a ela ou cuja parte representa o todo. Nesse caso, os retóricos chamariam de sinédoque.

Metáfora e metonímia são diferentes, embora muitas as confundam. A metáfora é um modo de concepção de uma coisa em termos de outra e sua principal função é a compreensão. Já a metonímia, tem uma função referencial, isto é, permite o uso de uma entidade para “representar outra”. Mas, apesar dessa função referencial, a metonímia também existe para facilitar o entendimento. A maior diferença, no entanto, está na focalização mais específica de certos aspectos da entidade a que ela se refere.

Segundo Numberg, (op. cit.:109) a principal diferença entre metáfora e metonímia é que a primeira pressupõe uma semelhança e a segunda, uma

relação de contigüidade. Ou seja, os elementos que compõem a metonímia estão mais próximos entre eles em relação ao significado do que os elementos da metáfora, já que essa só permite presumir semelhanças. Percebe-se que esse autor também está fundamentado na idéia clássica de semelhança entre referentes.

2.4.5 Metáfora e Cultura

A relação entre metáfora e coerência cultural está presente em muitos momentos da argumentação dos criadores da perspectiva conceptual. Os autores tratam dos valores que são enraizados em cada cultura e afirmam que estes são sempre compatíveis com o sistema metafórico da língua em questão.

E assim como há conflitos entre os valores culturais, existem também conflitos entre as metáforas associadas a eles e algumas delas têm prioridade sobre as outras. Eles admitem que, até mesmo nos EUA, há as chamadas subculturas, que valorizam uma metáfora em detrimento de outra. A prioridade é dada à metáfora, dependendo da subcultura em que se viva e dos valores pessoais de cada um. Ao que parece, a escolha se dará dependendo daquilo que se considere importante em cada subcultura. Além dessas subculturas, há grupos que se opõem à cultura principal e criam suas próprias metáforas. Mas, ainda assim, preservam outros valores da cultura dominante. Esses são considerados marginais.

Ao falar de valores culturais, os autores referem-se àqueles decorrentes da industrialização e do capitalismo americano, como consumo, acúmulo de bens, prioridade à carreira, competição e prestígio social.

Os mapeamentos metafóricos TRABALHO É UM RECURSO/TEMPO É UM RECURSO são exemplos da influência dos valores culturais na formação de conceitos. Recurso é matéria-prima, é fonte de combustível e é quantificado e valorado como um tipo de material consumível e que tem uma finalidade. Tempo e trabalho são substâncias.

Esses mapeamentos não são conceitos universais, dependem da sociedade e do momento histórico (cf. LAKOFF & JOHNSON, op. cit.: 74). Há culturas, como as orientais, cujos valores priorizam uma orientação diferente de PARA CIMA/PARA BAIXO. Nessas culturas o que importa é o “equilíbrio” e a “centralidade”, a “passividade” e não a “atividade”.

Como é uma questão cultural, essas metáforas enfatizam o que é essencial, do ponto de vista da sua cultura, e encobrem outros fatores. É por meio da análise do que as metáforas conceituais enfatizam que se constata o que elas encobrem.

Como argumento para justificar o conceptual, os autores dizem que, por exemplo, a idéia ou conceito TEMPO É DINHEIRO justifica-se pela forma como o conceito de trabalho desenvolveu-se na cultura ocidental moderna, associado ao tempo que toma e à sua quantificação. E, apesar de ser uma prática nova na história, não é uma prática corrente apenas na cultura dos países de língua inglesa, e sim de todos os países que passam por uma transformação capitalista. A cultura brasileira, por exemplo, faz associação entre tempo e dinheiro, portanto a língua portuguesa do Brasil também o faz. São conceitos resultantes das sociedades industrializadas e seus desdobramentos.

Já que a comunidade concebe socialmente o tempo como algo relacionado ao gasto, ao dinheiro, empregam-se expressões metafóricas diversas na linguagem para confirmar essa associação. Utiliza-se a experiência cotidiana com dinheiro, especialmente associando-o a recursos limitados e bens valiosos, para conceptualizar o tempo.

Uma crítica à abordagem Cognitiva (cf. LEEZENBERG, op. cit.: 139, 140) é quanto à não sistematização da questão dos fatores culturais e sociais como grandes influenciadores das experiências conceptuais. Ou seja, não tratam com profundidade a questão do papel da cultura na aquisição de experiências e do pensamento metafórico. A ausência desse aspecto parece fortalecer a idéia de que a metáfora é apenas produto das mentes individuais. Embora os autores afirmem que os conceitos não são universais, como dito anteriormente, e, portanto, a metáfora conceptual pode

não ser a mesma, em todas as culturas ou circunstâncias sociais, seus exemplos não comprovam isso, talvez porque se trata de uma pesquisa, envolvendo apenas a sociedade e a cultura americanas. Eles não consideram também que pessoas diferentes têm conceitos distintos, ainda que sejam da mesma cultura. A principal dificuldade é com o problema de considerar que “conceitos culturalmente transportados envolvem essencialmente informações lingüisticamente transportadas”. (cf. op.cit.:142)

Outra crítica é quanto ao fato de os cognitivistas não terem dado o devido valor ao uso real da língua. (cf. STEEN, apud. VIEIRA, 1999:7) Eles pareciam considerar que as metáforas conceituais estão todas prontas na mente à disposição do uso humano.

2.4.6 A Sistemática da Metáfora

Um aspecto fundamental da teoria de Lakoff & Johnson é a questão da sistematicidade dos conceitos metafóricos. Segundo os autores (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:49), os padrões são determinantes para a estruturação de qualquer conceito. Assim como o conceito é sistemático, a linguagem usada para falarmos sobre aquele aspecto do conceito também é sistemática.

Nessa padronização, um aspecto torna-se fundamental observar. Quando uma expressão metafórica mostra um aspecto de determinado conceito, provavelmente ela estará encobrindo outro(s) aspecto(s) do mesmo conceito. A razão para a ocultação de tais aspectos ainda é desconhecida, mas é possível supor que muitos dos elementos encobertos por ela são inconsistentes com a metáfora conceptual ou não servem para provocar o efeito de sentido que se pretende naquela determinada cultura, além da questão contextual que é fundamental considerar. Segundo eles, é possível elaborar detalhadamente um conceito e salientar ou obscurecer alguns aspectos desse conceito. Gibbs (cf. op.cit.: 240), na Teoria do

Desequilíbrio das Saliências, afirma que, numa sentença como $A = B$, o número de atributos compartilhados por A e B depende apenas da saliência desses atributos para o termo B.

De acordo com Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:53), é a sistematicidade que permite ao ouvinte, compreender um aspecto de um conceito em termos de outro e, assim, necessariamente encobrir outros aspectos do mesmo conceito. Por exemplo, o ouvinte compreende “passar” o tempo como “gastar” o tempo; “discutir” em termos de “combater” etc.

2.4.7 Metáfora e Idiomatismo

Dentre as expressões metafóricas coletadas por Lakoff & Johnson e os conceitos nelas explícitos, estão expressões literais simples e expressões idiomáticas, doravante E.I.s. Glucksberg (cf. op.cit.:68) afirma que as E.I.s não são simples palavras, elas são frases que detêm configurações de palavras. Ou seja, existe um conjunto sistemático de elementos que são representativos de um dado conceito e contribuem para uma certa interpretação e não outra.

Como já visto, existe uma sistematicidade na metáfora. Do mesmo jeito há, na estrutura metafórica, uma natureza parcial. É por meio dessa natureza que se compreende a razão de, numa metáfora, parte do conceito ser usado e a outra parte, encoberto. Essa parcialidade reflete-se no léxico da linguagem, inclusive nas E.I.s. Tabossi and Zardon (apud. GLUCKSBERG, op.cit.:71) chamaria essa parcialidade de configurações memorizadas de palavras, que são reconhecidas quando a configuração se torna única para cada E.I.

Glucksberg (cf. op.cit.:71) afirma que algumas das E.I.s se comportam como metáforas pelas seguintes razões:

- a) Literalmente se referem a situações, ações ou eventos que resumem uma classe de situação, ações ou eventos. É importante salientar que as situações ou eventos são ações prototípicas para o autor.

- b) Parece não haver diferença funcional entre E.I.s e metáforas. Ou seja, ambas são utilizadas nas mesmas condições e na ausência de uma expressão literal que dê conta do significado completo. Quando se sabe o significado literal, geralmente se sabe o idiomático, porque eles parecem transparentes.

Tanto expressões “figuradas” como “literais” podem fazer parte de uma mesma metáfora. Mas todas as expressões lingüísticas que caracterizam conceitos metafóricos gerais são figuradas. Segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:45), nenhum caso é literal, porque apenas parte do conceito é usada para significados comuns, o que reforça a idéia de que não existem expressões literais. Glucksberg (cf.op.cit.:72) diz que, ao se ouvir uma expressão normal, até mesmo mais complexa, o cérebro humano ativa imediatamente o processo de análise das configurações. No caso do reconhecimento de E.I.s e metáforas, há um processamento mais demorado, pois é necessário que se encontre a palavra-chave na configuração. Para ele, metáforas se referem a exemplos de um conceito e estão sempre caracterizando algum evento ou situação como uma instância daquele conceito. Além disso, não considera verdadeira a idéia de que a base é literal e a metáfora, assim como a E.I., é uma falha lingüística. Ele afirma que muitas expressões são entendidas mais rapidamente no seu sentido idiomático do que no literal. O que ocorre é que, quando uma pessoa não entende uma E.I., por exemplo em língua estrangeira, ela recorrerá ao léxico de E.I.s conhecidas e estocadas na sua mente. No caso das línguas estrangeiras, é necessário um conhecimento específico da cultura do país, pois o significado literal de uma expressão pode interferir na compreensão. Por isso, pessoas de comunidades lingüísticas diferentes, muitas vezes, apesar de conhecerem a língua do outro, não se entendem.

Como forma de explicar como se dá o fenômeno da escolha de qual parte do conceito será utilizado na metáfora, os conceptualistas dizem que essa escolha dependerá de elementos culturais, como as convenções. Afirmam que, apesar de nada impedir que se construa uma metáfora com a outra parte do conceito que foi rejeitada, isso só acontecerá se determinadas

convenções da cultura permitirem. Uma observação que se deve considerar é que expressões metafóricas, como “pé da montanha” e “cabeça de repolho” são consideradas metáforas mortas, porque parte do conceito que foi usado para formulá-las já é uma convenção fixa da língua, ou seja, foi lexicalizada e não interage sistematicamente com outros conceitos metafóricos.

Gibbs (apud. GLUCKSBERG op.cit.:74) apresenta uma distinção entre E.I.s composicionais e não-composicionais. Segundo ele, as composicionais são mais fáceis de se processar que as não-composicionais, porque as primeiras têm o seu significado opaco e próximo ao entendimento lingüístico. Ou seja, o significado é inferido dos significados dos constituintes da E.I. Como exemplo, ele cita uma sentença que traduzida para o português seria mais ou menos equivalente a “chutar o balde”. Já as segundas, guardam um conflito lingüístico, e não é possível processá-la a partir do entendimento dos significados dos constituintes da E.I. Para ele, as composicionais são facilmente memorizadas pelas crianças e tratadas como instâncias ordinárias do pensamento.

Ele chama de “quase-metafórico” uma espécie de sentença que funciona do mesmo modo que a metáfora nominal: traz à tona uma instância prototípica ou estereotípica de uma categoria inteira de pessoas, eventos, situações ou ações. Segundo Gibbs (cf. op.cit.: 74), em “Maria é uma galinha”, por exemplo, que é uma metáfora nominal, “Maria” é o Tópico e “vaca” é o Veículo, e o Veículo é um exemplo ideal de categoria atributiva metafórica.

Leezenberg (cf. op.cit.: 2001:141) argumenta que uma das falhas da teoria Lakoffiniana é considerar as metáforas mortas como “marginais” e “não-sistemáticas”, como metáforas cujos papéis não são interessantes. O autor afirma que essa é mais uma das muitas generalizações não explanatórias da teoria da metáfora conceptual de Lakoff, já que não vê interesse em estudar algo que já está incorporado à língua e identificar os contextos de uso dessas metáforas.

As metáforas mortas estão fora do sistema conceptual já definido, mas também são capazes de auxiliar na compreensão da experiência. Segundo os autores, elas podem dar novo sentido ao passado, às atividades diárias, ao saber e às crenças, além de servirem para “cunhar expressões metafóricas novas, fazer piadas etc”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:124) Mas o sentido que a E. I. e a metáfora vão evocar dependerá de dois fatores essenciais: a cultura na qual se vive e as experiências passadas dos envolvidos. Ambas envolvem aculturação, pois codificam importantes atitudes, normas e crenças culturais e servem de reforço à coesão social. (cf. GLUCKSBERG, op.cit.:87)

2.4.8 Conceitos e Experiências

Segundo os autores conceptualistas, os conceitos se apresentam na seguinte ordem de experiências: Espaciais, Emocionais, Mentais e Culturais. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:131)

As experiências básicas são as espaciais, que formulam as metáforas orientacionais e são fundamentais e indispensáveis. Inclusive podem ser compreendidas diretamente, sem processo metafórico. Mas o que chamam de experiência física direta não é apenas corpórea é também cultural e preestabelecida socialmente. Toda experiência humana é cultural e o homem experimenta tudo a sua volta com tanta intensidade que sua cultura já está presente na experiência em si. No entanto, há uma diferença entre experiências totalmente físicas, como levantar, sentar-se, e experiências mais culturais, como participar de uma cerimônia de casamento.

Conceitos centrais, cuja base é corpórea, são mais fáceis de se definir do que as experiências emocionais, que não são claras. Segundo eles, “embora uma estrutura conceptual claramente delineada para espaço venha do nosso funcionamento motor-perceptivo, nenhuma estrutura conceptual claramente delineada para as emoções vem exclusivamente do nosso funcionamento emocional”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:129)

Para eles, todas as experiências são importantes, mas é habitual conceptualizar-se experiências não-físicas em termos de experiências físicas. E os domínios fundamentais das experiências são o espacial, o social e o emocional. Nenhum domínio tem prioridade sobre o outro e todos são básicos. Leezenberg (cf. op.cit.:143) critica a teoria também nessa questão. Para ele, “as categorias de nível básico emergem diretamente de nossas funções preconceituais e físicas, mas não se pode reduzir fatores sócio-culturais a biológicos” pois “imagens e categorias de nível-básico são culturais – e dependem da linguagem, e, portanto, não podem ser inteiramente preconceituais ou biologicamente determinadas”.

A teoria conceptualista considera a existência de um domínio básico da experiência e de tipos naturais de experiência. Naturais porque resultam de produtos da natureza humana, como o corpo humano, a interação com o ambiente físico, a interação com outras pessoas na cultura.

Os tipos naturais de experiência fazem parte de uma *gestalt experiencial*, que são “conjuntos estruturados nas experiências humanas recorrentes” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 208) e são organizados coerentemente. Os domínios concretos que correspondem aos tipos naturais de experiência acima mencionados são orientação espacial, objetos, substâncias, visão, viagens, guerra, loucura, comida e construção.

Como já dito, o sistema conceptual decorre do tipo de seres que o possuem e da sua interação com o mundo, seja ele a natureza ou as outras pessoas. Assim, os conceitos definidos pelas metáforas, como AMOR, TEMPO E IDÉIAS, designam tipos naturais de experiência na cultura humana, assim como os conceitos que definem outros conceitos, como ORIENTAÇÃO ESPACIAL, OBJETOS, RECIPIENTES.

Toda experiência deve ser coerente com uma estrutura. Para comprovar isso, os autores propõem diferenciar uma conversa de uma discussão a partir das dimensões das estruturas de cada uma delas. Quando uma conversa se transforma em discussão, o elemento de cooperação polida se desfaz; mas ainda assim não é um combate real, pois se mantém as amenidades de uma conversa. Conversas são coerentes quando são

organizadas em *gestalts multidimensionais*, que são maneiras de se organizar as experiências em blocos estruturados.

Além disso, todo conceito tem aspectos especializados que são usados em determinadas subculturas ou em determinadas situações, como já dito anteriormente. Assim, existem coerência e justaposição entre conceitos e são possíveis porque essas metáforas compartilham implicações. Um conceito pode apresentar dois ou mais aspectos. Cada aspecto terá a sua metáfora, mas todas as metáforas estarão relacionadas ao mesmo conceito.

São implicações metafóricas (cf. BLACK, op.cit.:28) que dão coerência aos exemplos e sistematicidade interna à metáfora. Usa-se o conceito conforme a necessidade. Mas, para que haja coerência, é necessário que a metáfora tenha um objetivo. Segundo os autores conceptualistas, até mesmo exemplos simples de metáforas podem se tornar complexos, se duas metáforas servirem a mais de dois objetivos e estiverem envolvidas em coerências ainda mais complexas. Por isso, é necessário saber a fonte de tal complexidade. Eles propõem duas possíveis fontes:

1. Algumas metáforas estruturam parcialmente um único conceito.
2. Quando se discute um conceito, usam-se outros conceitos que, em si, são entendidos em termos metafóricos e levam a justaposições metafóricas posteriores. Daí a complexidade.

Além desses elementos, há também as superfícies definidoras de conteúdo (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:183) que definem as características que serão metaforizadas e a coerência entre as metáforas.

Finalizando a discussão sobre implicações e justaposição, os autores afirmam que o que parece expressões metafóricas isoladas não o são. Fazem parte de sistemas metafóricos que, tomados em conjunto, servem à complexa finalidade de caracterizar o conceito em todos os seus aspectos, da maneira como são concebidos.

2.4.9 Categorização e Similaridade

A categorização e a similaridade serão tratadas na mesma seção por estarem diretamente relacionadas. É uma estratégia peculiar ao ser humano categorizar os objetos. Isso decorre da noção de causalidade que, segundo os autores, está relacionada ao protótipo que é “um complexo de propriedades recorrentes”, “holístico, analisável em termos daquelas propriedades e passível de grande variação” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:147). Portanto, a noção de causalidade e, conseqüentemente, de categorização está presente em todas as atitudes e atividades humanas. Os bebês aprendem a noção de causalidade a partir de atitudes repetitivas, como jogar a mamadeira, colocar a mão no interruptor. Os adultos têm essa noção de causalidade direta como parte integrante da vida cotidiana: acendem luzes, abotoam camisas etc. Esses casos são “prototípicos” ou “paradigmáticos” de causalidade direta.

Quando se trata de buscar significados, as pessoas também categorizam os objetos em termos de protótipos (cf. GLUCKSBERG op.cit.:48) e de semelhanças de família. Por exemplo, o protótipo das aves tem pena, tem patas, canta e voa. Essa noção de conjunto é muito importante para os referencialistas quando tentam definir as qualidades de um objeto, porque os objetos se definem por categorias. Mas a categorização tradicional não abrange alguns aspectos fundamentais para a teoria conceptual, como a existência de protótipos dos objetos (cf. GLUCKSBERG op.cit.:49) e objetos que não obedecem a nenhum protótipo. Um bom exemplo, já citado acima, é o protótipo das aves, pois existem alguns seres que são aves, apesar de só terem alguns desses traços, e seres que têm alguns desses traços e não são aves, como por exemplo, os insetos que voam.

A compreensão humana se dará mediante a relação dos objetos não prototípicos com os referidos protótipos. (cf. ROSCH, 1979 apud. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:214). Dessa forma, os objetos apresentam semelhanças com os protótipos e não são necessariamente similares entre si. Não há um centro fixo de propriedades, porque não é necessário que elas coincidam totalmente entre um objeto e outro. Existem propriedades inerentes aos

objetos, que são fixas, e propriedades interacionais, que dependem do contexto, e é fundamental o papel das propriedades interacionais na determinação de semelhança de família. Existem modificadores *bedges*, que selecionam o protótipo de uma dada categoria. As categorias são abertas. Com elas se pode categorizar e até recategorizar. No entanto, a categorização não é arbitrária, pois obedece a uma certa sistematicidade.

A categorização também exerce um papel muito importante sobre a noção de verdade, porque, para compreender o mundo e agir sobre ele, temos que categorizar os objetos e as experiências de forma que passem a fazer sentido para nós. Categorização é uma forma natural de identificar um 'tipo' de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras ". (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 266) Ao focalizar-se em um tipo de propriedade, outras serão escondidas e isso já é uma espécie de categorização. A escolha da palavra quase sempre é baseada no aspecto que se deseja enfatizar, portanto na verdade da qual se faz parte. Os exemplos a seguir foram apresentados pelos autores acima mencionados e são relevantes para o entendimento dessa questão:

(27) Convidei uma loura sexy para nosso jantar.

(28) Convidei uma renomada violonista para nosso jantar.

Nos exemplos (27) e (28), a pessoa convidada é a mesma, mas a escolha de um adjetivo ou de outro dependerá de quem está escolhendo, da sua verdade e de qual aspecto pretende ressaltar. Uma dessas afirmações pode ser verdadeira apenas com relação a alguma compreensão que se tem dela e a compreensão envolve a categorização, que surge de propriedades interacionais (e não inerentes). A verdade de uma afirmação é sempre relativa às propriedades enfatizadas pelas categorias usadas, que, como já foi dito acima, não são fixas, (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 267) nem uniformes, são definidas por protótipos e são modificáveis segundo o contexto.

Para se interpretar uma frase como verdadeira, é preciso projeção e julgamento humanos, além do contexto discursivo, que os autores ignoram. Na verdade, para haver a compreensão, é necessário que se identifiquem

espécies de coisas que estão compondo a expressão. Se são coisas de espécies diferentes, é metáfora. Essa é a única diferença entre a metáfora e não-metáfora. Mas tudo depende da compreensão de cada um a respeito da situação, ou seja, a verdade está baseada na compreensão: é uma função do sistema conceptual humano.

Portanto, no que diz respeito à metáfora, a questão da verdade é a menos relevante. Para os conceptualistas, a verdade é baseada na compreensão e depende da coerência. Não há verdades absolutas, pois elas são sempre relativas às culturas nas quais surgem, e a compreensão vai sempre emergir da experiência nessas culturas. As categorias são escolhidas e essa escolha envolve percepções e propósitos.

De acordo com os autores, como os conceitos são sempre embasados, estruturados, definidos e relacionados uns com os outros, por meio de subcategorizações, implicações metafóricas e justaposições, é difícil para o lingüista lidar com a idéia da metáfora. Em decorrência desse fato, utilizam-se de algumas estratégias para driblar o inexplicável evento metafórico. Algumas dessas alternativas são: primeiro, afirmam que a metáfora é uma abstração, e que os conceitos são neutros e abstratos; em seguida, em vez de considerar a expressão como metafórica, preferem nomeá-la como um caso de homonímia. Ou seja, há dois conceitos diferentes, separados e independentes, mas com sentidos parecidos em alguns aspectos. Além disso, para os lingüistas, os conceitos estão relacionados pela similaridade. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:193)

No entanto, segundo os autores, essas visões são insuficientes para tratar da questão do conceito metafórico. A primeira razão é que a teoria da abstração não faz sentido quando se trata de metáforas de orientação, que são de base física. Também não é explanatória, quando se trata de distinguir entre metáforas do tipo A é B e aquelas do tipo B é A. Além disso, a hipótese da abstração busca um conceito único e geral, bastante abstrato para que se encaixe em todos os aspectos, enquanto se sabe que metáforas diferentes podem estruturar aspectos diferentes de um único conceito e que os conceitos menos claros, menos concretos, são parcialmente entendidos em

termos de conceitos concretos. Finalmente, teorias como a da abstração não admitem a existência do conceito metafórico, portanto para elas não há sistematicidade, não há consistência interna nem coerência, nem a justaposição ou sistematicidade externa, não dá conta das partes que sobram da estruturação metafórica e crêem que há um conjunto de conceitos abstratos que podem se adaptar ou ser aplicado a várias situações.

Quanto à teoria da homonímia forte, os que tentam explicar a metáfora como um fenômeno dessa natureza supõem que é a mesma palavra usada para exprimir conceitos distintos. Assim, são dois ou mais conceitos completamente diferentes explicados pelo mesmo termo. E a coincidência seria acidental. Eles vêem os conceitos como independentes, portanto não podem ser sistemáticos. Entretanto, essa teoria também não dá conta da sistematicidade interna e externa das metáforas; não dá conta da sobreposição ou justaposição de metáforas; não explica extensões da porção usada (ou não) de uma metáfora; não dá conta do uso de experiências concretas para estruturar experiências abstratas; não resolve a questão das similaridades, porque acredita que as propriedades são inerentes aos objetos e não interacionais. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:198)

Já os teóricos da homonímia fraca percebem as relações sistemáticas entre os conceitos metaforizados, supondo que elas existam, ainda que abstratas. Mas não admitem que se possa entender um conceito por outro, porque também acreditam na independência dos conceitos, e não se interessam por questões de compreensão e embasamento, peculiares ao estudo conceptual empreendido por Lakoff & Johnson. (cf.op.cit.:200) Essa visão é inadequada porque nega que se entenda um conceito abstrato em termos de um concreto, já que até a similaridade é abstrata, (cf. ORTONY op.cit.: 342) e sua existência questionável, como única justificativa para a coincidência entre os conceitos. Além disso, não pode prever o domínio de metáforas possíveis, apenas relatam as similaridades, sem explicar a sua existência.

Quanto à questão específica da similaridade, muito discutida pelos referencialistas, os conceptualistas consideram que muitos conceitos têm aspectos similares. Todas as metáforas convencionais, sejam elas estruturais, orientacionais ou ontológicas, criam as similaridades e as definem. Por exemplo, o conceito MAIS É PARA CIMA é similar a FELIZ É PARA CIMA; os conceitos TEMPO e TRABALHO são similares porque acumulam alguns traços em comum, como serem substâncias uniformes e similares, porque ambos podem ser quantificados, pode-se atribuir valor por unidade, podem servir a um fim determinado e podem ser consumidos progressivamente; os conceitos IDÉIA e ALIMENTO também agregam similaridade, porque podem ser digeridos, engolidos, devorados e servem para nutrir o ser humano. Segundo Ortony (cf. op.cit.: 342) “A metáfora proporcional expressa uma similaridade entre constituintes que não são realmente parecidos. Esses constituintes são relações”. Em outras palavras, a semelhança é um fator distintivo, mas ela não está entre os domínios pré-estabelecidos, ela está nas relações que se estabelecem entre os domínios e a coisa metaforizada.

Na metáfora nova, a similaridade é criada da seguinte forma: a recém-criada metáfora se baseia em outra pré-existente, que também já se baseou em outra e assim por diante. As similaridades são dadas pelas implicações de cada domínio, partindo de um protótipo ou de um estereótipo. Nenhuma implicação trará similaridade completa entre os domínios.

Entretanto, há uma similaridade que é induzida pela metáfora, a qual os conceptualistas chamam de similaridade estrutural, que “envolve o modo pelo qual entendemos como as experiências individuais iluminadas encaixam-se entre si de um modo coerente” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 249) e que permite perceber coerência entre os domínios. É essa estrutura colaborativa que permite encontrar a similaridade. A metáfora cria similaridades da seguinte forma: “As metáforas que são baseadas em correlações em nossa experiência definem conceitos em termos dos quais percebemos similaridades”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 251) Mas, é importante salientar que correlações não são similaridades. Algumas

metáforas convencionais do tipo estrutural têm similaridades oriundas de metáforas convencionais do tipo orientacional ou ontológica; as metáforas novas são estruturais e também têm similaridades; elas também selecionam um domínio de experiências, iluminando-as, atenuando-as e escondendo-as, criando assim similaridades.

Mas tudo isso contraria a teoria da comparação dos referencialistas, que afirmam que a metáfora não tem relação alguma com o pensamento ou com as ações humanas, é apenas uma questão de linguagem; que uma metáfora “A é B” é igual a “A é como B”, ou seja, metáfora é uma redução da comparação; que uma metáfora não pode criar similaridades, pode apenas descrever as pré-existentes.

Os conceptualistas apenas concordam com os descritivistas no que diz respeito à tese de que “as metáforas podem ser baseadas em similaridades isoladas”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 252) Eles vêem a metáfora como uma questão de pensamento e em segundo plano de linguagem. Portanto, elas podem ser baseadas em similaridades criadas pela própria metáfora, já que a principal função da metáfora é fazer compreender parcialmente um tipo de experiência em termos de outra. Isso tanto pode envolver similaridades preexistentes isoladas quanto similaridades criadas.

Ainda que os referencialistas vejam a similaridade como inerente às entidades e os conceptualistas a concebam como resultado das experiências humanas, há um ponto em comum entre eles. Segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.: 254) “as coisas do mundo realmente exercem uma função de impor restrições ao nosso sistema conceptual”. Ou seja, transmitem a crença de que são as entidades que impõem as restrições. Acrescentam, no entanto, que isso só ocorrerá a partir da compreensão que o ser humano tem da sua própria experiência, e isso difere de cultura a cultura.

A similaridade não é suficiente para explicar os usos metafóricos, de acordo com a visão conceptualista, pois toda unidade conceptual faz parte de uma *gestalt multidimensional* de propriedades cujas dimensões são: perceptuais, pois concebem o objeto por meio do aparato sensorial humano;

motoras, ligadas às atividades que exigem uma interação com o objeto; intencionais, relacionadas ao uso que se pode fazer de um objeto em determinadas situações; e funcionais, pois concebem a história funcional do objeto.

Muitas das propriedades dos objetos, que o ser humano experiencia, são apenas projetadas, não existem a não ser na verdade de cada um. Daí a importância da projeção para a noção de verdade. Mas a projeção pode ser baseada em um estereótipo. “Como é típico em nossa vida cotidiana, a verdade é relativa à compreensão e a veracidade de uma frase (...) depende da maneira normal como compreendemos o mundo, projetando uma orientação e uma estrutura de entidade sobre ele”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 265)

2.4.10 Críticas à Teoria Conceptualista

Assim como foram apresentadas críticas às visões referencialistas e descritivistas, é importante que se considerem algumas críticas feitas à perspectiva conceptual de estudo da metáfora, já que este estudo estará baseado nessa concepção, bastante difundida em várias áreas do conhecimento humano.

Segundo Leezenberg (cf. op.cit.: 135 a 145), a teoria conceptualista é um ousado desafio aos estudos metafóricos, mas como posição radical não deve ser levada a sério. A primeira falha apresentada é que os conceptualistas não citam nomes de autores especializados no assunto e muitas vezes distorcem algumas teorias com algumas generalizações, como já vimos anteriormente.

Ao criticar a semântica formal, os lakoffinianos dizem que ela é incompatível com a sua visão, porque significado e verdade não estabelecem relação entre sistemas simbólicos e mundo. Para eles, significado e verdade são mediados por subjetividade ou pela intencionalidade do ser humano, que chamam de “interpretação incorporada”. O autor (cf. op.cit.: 135) faz um comentário bastante ácido no

que diz respeito a isso. Ele diz que “Modelos semânticos não são ‘teoria metafísica’ ou ‘realidade objetiva’ ou uma teoria epistemológica das categorias objetivamente existentes. É semântica e por isso deve ser neutra, metafísica e epistemologicamente”. No entanto, para ele, os conceptualistas são importantes porque tentam diminuir a diferença entre estudar a metáfora numa perspectiva semântica ou numa perspectiva pragmática. E isso acontece porque eles nem mostram a distinção, tão importante como perspectiva de estudo.

Outro ponto importante é que eles, apesar de não considerarem a metáfora como um desvio da língua, não apresentam alternativas para mudar essa visão. Além disso, noções como as de significado, cultura, racionalidade e imaginação ficam indefinidas na obra.

Quanto à interpretação da metáfora, o crítico afirma que nem todos os atos envolvem a compreensão de uma coisa por intermédio de outra, nem o mapeamento entre dois domínios de conceitos distintos. Apesar de afirmarem que o que determina a interpretação da metáfora é o contexto, mostram as sentenças como inadequadas no sentido literal fora do contexto.

Finalmente duas questões se apresentam: como conceitos e experiências particulares podem justificar os significados que são públicos ou conhecidos de todos? Como pode alguém perceber quais são os conceitos prioritários para as expressões lingüísticas? Como as pessoas consideram alguns conceitos em detrimento de outros?

A partir dessas questões surgem algumas críticas feitas por mim, resultantes de dúvidas que pairaram durante a leitura das referidas obras. Os autores afirmam muitas vezes que a compreensão se dá mediante consideração das propriedades inerentes e interacionais. No entanto, não fazem uma análise sucinta dos exemplos mencionados para esclarecer quais são as propriedades inerentes e as interacionais. Quanto às inerentes, é possível compreender que eles não pretendiam fazer semântica tradicional, analisando as formas e suas propriedades particularmente. Mas, já que se propuseram a considerar as experiências humanas, poderiam ter feito uma análise mais fina dessas propriedades nos exemplos dados,

considerando mais de um contexto. E assim teriam a possibilidade de constatar novas construções e possibilidades de interpretação para tais metáforas.

Outro aspecto relevante é quanto ao mapeamento entre os domínios. Mapear domínios seria um trabalho que considero inesgotável, já que a possibilidade de construção humana e renovação de significados é imensa. Ao fazer o mapeamento, os autores parecem querer sugerir que só existem aquelas possibilidades, embora considerem as experiências humanas. Isso torna a análise muitas vezes incoerente e frágil.

Para finalizar, convém reafirmar que, da mesma forma como são fundamentais as experiências humanas, é relevante se considerar os estereótipos e os conceitos culturais e isso não é necessariamente um trabalho lingüístico.

2.5. CONCLUSÃO

Dado o objetivo deste trabalho, cabe nesta seção um rápido resumo das teorias tratadas. Neste capítulo, a metáfora foi estudada a partir de três enfoques fundamentais.

Em primeiro lugar ela foi estudada como uma questão de semelhança entre os referentes e uma característica específica da linguagem figurada e, portanto, um desvio na linguagem coloquial.

Em uma segunda perspectiva, a metáfora é vista como uma questão de transferência de significado. Ou seja, uma entidade transfere a outra o seu significado. Segundo Black (cf. op.cit.:27), essa transferência se dá quando ocorre um conflito semântico ou um determinado estranhamento da sentença apresentada num contexto específico.

Finalmente, na perspectiva conceptual, a linguagem não é um aspecto tão importante para a interpretação de metáforas como o é o pensamento e os conceitos pré-existentes no ser humano e formulados desde o seu nascimento. Esses conceitos são mapeados em domínios que se interrelacionam e dependem da experiência humana concreta.

Aparentemente a análise das três formas de encarar a metáfora visava a contraposição entre elas. Mas, na verdade, este trabalho não se propõe a isso. A análise das metáforas sobre a mulher será feita a partir do conhecimento das teorias mencionadas, mas estará estreitamente vinculada à idéia de que existe uma interdependência entre a metáfora conceptual e a estrutura lexical (cf. MOURA, 2003:2). A análise lingüística trabalhará com as propriedades inerentes aos objetos e seres e a análise conceptual buscará um cruzamento entre conceitos e protótipos ou estereótipos.

Partindo do suporte conceptualista, esta pesquisa procurará enveredar pelos caminhos percorridos pela experiência humana, buscando respostas na análise das metáforas sobre a mulher, para as seguintes questões: “como se formam os conceitos?”, “e os estereótipos?” “quais as propriedades que formam os protótipos?” e se “existem regularidades?”

3 ANÁLISE DE DADOS

3.1 METODOLOGIA

Os dados desta pesquisa foram retirados de revistas femininas, como *Claudia*, *Nova Cosmopolitan* e *Estilo de vida*; masculinas, como *Playboy*; e da revista *Veja*, entre os meses de fevereiro a outubro/2004.

Elas foram escolhidas por apresentarem uma maior probabilidade de ocorrência do fenômeno objeto da pesquisa. Efetuou-se também coleta de material do uso cotidiano, observando-se piadas, brincadeiras e conversas informais no dia-a-dia. Além disso, retiraram-se dados de alguns sites femininos na Internet, como *superbonita.com*, *bela.com.br*, *mulheratual.com.br* e *banheirofeminino.com.br*.

É importante salientar que a coleta não teve um caráter sistemático nem tampouco foi exaustiva, portanto trabalhou-se com um “corpus” ilustrativo. Na medida do possível, buscaram-se exemplos reais e situados num contexto definido. Da mesma maneira, a análise não se pretende quantitativa, já que é difícil quantificar um “corpus” ilustrativo.

A seguir os dados das revistas consultadas:

TABELA 3 - ÉPOCA DA PUBLICAÇÃO DAS REVISTAS CONSULTADAS

REVISTAS	PUBLICAÇÃO
<i>Claudia</i>	Out./2004 Fev./2004
<i>Nova Cosmopolitan</i>	Mar./2004 Abr./2004 Jul./2004
<i>Estilo de vida</i>	Mar./2004
<i>Playboy</i>	Out./2004
<i>Veja</i>	Ed.1864 jul./2004 Ed.1865 ago./2004 Ed.1875 out./2004 Ed.1877 out./2004

Os critérios para análise dos dados coletados são os seguintes:

Foram coletadas expressões que fazem referência à mulher, sendo metáforas ou não. Muitas dessas expressões, no entanto, poderiam ser aplicadas também ao gênero masculino.

Os nomes, mencionados nas expressões do tipo “A é B”, foram substituídos por pronomes, evidentemente porque alguns dos nomes próprios são conhecidos.

Observe o quadro abaixo, no qual estão colocados todos os exemplos coletados na pesquisa.

TABELA 4 – TOTAL DAS EXPRESSÕES COLETADAS

“Ela é uma vaca”. (pop)	“Ela é uma geladeira”. (Playboy)	“Ela é o sol”. (pop)	“Ela é uma bruxa”. (pop)
“Fama de galinha”. (Playboy)	“Ela é um avião”. (pop)	“Ela é um bloco de gelo”.	“deusa grega” (Playboy)
“cadela”. (Playboy)	“teço-teco”. (pop)	“Ela é a lua” (pop)	“Ela é meu mundo”. (pop)
“Ela é uma besta”. (pop)	“Maria-sapatão” (letra de música)	³ “Ela é uma bananeira”	“fada-madrinha”. (pop)
“Ela é uma cobra” (pop)	“Ela é um trator”. (pop)	“a estrela da festa” (Revista Nova)	“a Toda-Poderosa”. (mulheratual.com)
“Ela é uma ovelha”. (pop)	“Ela é descontrolada” (pop)	“Ela é uma ⁴ bactéria”	“Ela é um dragão”. (pop)
“Ela é uma baleia”. (pop)	“Ela está alterada”. (piada)	“minha luz” (literário)	“minha sereia” (Revista Nova)
“Ela é uma gata”. (pop)	“Ela é fechada”. (pop)	“minha flor” (literário)	“Ela é uma mãe”. (pop)
“anta nordestina” (novela da Globo)	“Ela é enrolada”. (pop)	“arroz-de-festa” (Revista Claudia)	“uma santa”. (pop)
“Ela é uma piranha”. (pop)	“turbinada natural”. (Playboy)	“marmita” (Internet)	“Ela é loira” (piada)
“Ela é uma fera” (pop)	“Ela é multimídia”. (Revista Claudia)	“fogosa oxigenada” (Playboy)	“Ela é meu mundo” (pop)
“rata de academia” (Playboy)	⁵ “Que canhão”.	“gostosonas” (Playboy)	“minha princesa” (pop)
“Ela é uma pomba” (pop)	“tesouro da minha vida” (pop)	“Tubaina” (prof. Mirian)	“rainha da noite” (banheirofeminino.com)
“Ela é uma traíra” (pop)	“Sou básica” (Revista Claudia)	“Sabonete” (prof. Mirian)	“meu anjo” (pop)
“Ela é uma vaca louca” (Revista Veja)	“perdeu o rebolado” (pop)	“Corrimão” (prof. Mirian)	“Ela é um sonho” (pop)
“Mãe-coruja” (Revista Claudia)	“romântica de carteirinha” (pop)	“Maçaneta” (prof. Mirian)	“descanso da guerreira” (superbonita.com)
“As galinhas também amam”. (Playboy)	“dona do próprio nariz” (bela.com.br)	“a superlativa” (Revista Nova)	“minha musa” (pop)
“É muita gata”. (Playboy)	“minha preta” (novela da Globo)	“garota descolada” (Playboy)	“Ela é uma freira” (pop)
Coelhinhas. (Playboy)	“Ela é TDB” (Tudo de bom) (Malhação)	“dona da verdade” (Revista Veja)	“Ela é uma deusa” (Playboy)

³ Expressão comum no Rio de Janeiro.

⁴ Uso entre jovens da periferia de São Paulo, nos bailes funk.

⁵ Expressão muito usada na Bahia, referindo-se a mulher feia.

Continua

TABELA 4 – TOTAL DAS EXPRESSÕES COLETADAS

“toda gostosa é burra” (Playboy)	“bonequinha” (pop)	“Ela é uma porta” (pop)	“Maria-Guidão” (referindo-se a esposas de ciclistas) (Playboy)
“uma serpente” (pop)	“plastificada” (Revista Claudia)	“sem-calcinha” (referindo-se à namorada do ex-presidente no Carnaval) (pop)	“uma jararaca” (pop)
“uma víbora” (pop)	“mulher antenada” (Revista Veja)	“sua tapada” (pop)	“Maria é uma galinha” (pop)
“Ela é um pastel” (pop)	“Sua tartaruga” (pop)	“A meia da loba” (Propaganda comercial)	“Ela é uma girafa” (pop)
“Perua” (pop)	“Cachorra” (funk)	“Ela é uma porca” (pop)	“Ela é uma cobra” (pop)
“Ela é uma fera” (pop)			

Das expressões não-literais presentes no quadro acima, observou-se que os termos usados para designar a mulher pertenciam a quatro classes: animais, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais. Por isso, foi criado o quadro a seguir com o objetivo de classificar os dados obtidos na pesquisa, categorizando-os. Note-se que algumas das expressões metafóricas já foram lexicalizadas, ou seja, já são aceitas como parte do léxico e não provocam estranhamento. Observe os exemplos:

(29) Maria é uma flor.

(01) Ela é um avião.

Outro dado importante é que, durante a análise, observou-se que nem todas as expressões inicialmente coletadas eram metafóricas. Por isso, fez-se uma seleção de dados, e o quadro 05 é o resultado dessa seleção, trazendo os exemplos que, efetivamente, farão parte da análise lingüística e conceptual que será empreendida neste trabalho.

Finalmente, julgamos importante ressaltar que o “corpus” já era previsível antes da pesquisa iniciar-se, pois a existência de tais expressões metafóricas para designar mulheres é indiscutível.

Quanto ao processo de coleta do material, foi lento e gradual, contando com a colaboração de pessoas dispostas a compartilhar um novo exemplo a cada conversa.

TABELA 5 – CLASSIFICAÇÃO DAS METÁFORAS SOBRE A MULHER SEGUNDO TIPO SEMÂNTICO

ANIMAIS	ARTEFATOS, E SUAS PROPRIEDADES	ELEMENTOS DA NATUREZA	ELEMENTOS FICCIONAIS
“Ela é uma vaca”.	“Ela é uma geladeira”.	“Ela é o sol”.	“Ela é uma bruxa”.
“Fama de galinha”.	“Ela é um avião”.	“Ela é um bloco de gelo”.	“deusa grega”
“cadela”.	“Teco-teco”.	“Ela é a lua”	“meu anjo”
“Ela é uma besta”.	“Maria-sapatão”	“Ela é uma bananeira”	“fada-madrinha”.
“Ela é uma cobra”./ “uma serpente”/ “uma víbora”/ “uma jararaca”	“Ela é um trator”.	“a estrela da festa”	“a Toda-Poderosa”.
“Ela é uma ovelha”.	“Ela é descontrolada”	“Ela é uma bactéria”	“Ela é um dragão”.
“Ela é uma baleia”.	“Ela está alterada”.	“minha luz”	“minha sereia”
“Ela é uma gata”.	“Ela é fechada”.	“minha flor”	“Ela é uma deusa”
“anta nordestina”	“Ela é enrolada”.		“Ela é um sonho”
“Ela é uma piranha”.	“turbinada natural”.		“descanso da guerreira”
“Ela é uma fera”	“Ela é multimídia”.		“minha musa”
“rata de academia”	“Que canhão”.		
“Ela é uma pomba”	“tesouro da minha vida”		
“Ela é uma traíra”	“perdeu o rebolado”		
“Ela é uma vaca louca”	“a superlativa”		
Mãe-coruja	“bonequinha”		
“As galinhas também amam”.	“plastificada”		
“É muita gata”.	“mulher antenada”		
Coelhinhos	“Ela é uma porta”		
“toda gostosa é burra”	“sua tapada”		
“Maria é uma galinha”	“garota descolada”		
“Sua tartaruga”	“maçaneta”		
“A meia da Loba”	“sabonete”		
“Ela é uma girafa”	“tubaína”		
“Perua”	“marmita”		
“Ela é uma porca”	“que pastel”		
“Cachorra”	“corrimão”		
“Ela é cobra”			
“Ela é fera”			

3.2. ANÁLISE LINGÜÍSTICA E CONCEPTUAL DOS DADOS

3.2.1 Introdução

Uma das intenções desta pesquisa é verificar as regularidades de uso das metáforas sobre a mulher. Para alcançar esse objetivo inicial, é imprescindível observar alguns aspectos. Como o título mesmo adverte, é uma análise de cunho lingüístico e conceptual, portanto, pretende-se controlar, na medida do possível, os aspectos lingüísticos e cognitivos, considerando-se também o contexto em que essas expressões se inserem.

Os objetivos interacionais (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.:210) dos enunciados, considerando-se os leitores e as fontes, também serão controlados, na medida do possível. Enfim, não se pretende separar o lingüístico do social.

Teoricamente, pretende-se identificar as metáforas (cf. CAMERON, 1999:7), categorizá-las e analisar os objetivos e a lógica da produção do fenômeno. Quanto ao processamento das metáforas, numa perspectiva conceptual, observar-se-á como os conceitos são ativados a partir da compreensão, como se dá a interpretação e como as metáforas organizam nossas estruturas conceituais.

A seguir, a análise das categorias apresentadas no quadro 05.

3.2.2 Análise Semântica das Categorias

3.2.2.1 Animais

Antes de analisar cada expressão metafórica foi criado um novo quadro, no qual está explícita uma subcategorização, levando em consideração os aspectos semânticos de cada expressão.

Observe a tabela a seguir:

TABELA 6 - CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA DOS ANIMAIS

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	COMPORTAMENTO SEXUAL	TEMPERAMENTO/ CARÁTER	INTELIGÊNCIA
Ela é uma vaca.			
	Fama de galinha.		
	Cadela.		
		Ela é uma cobra.	Ela é cobra.
		Uma serpente.	
		Uma víbora.	
		Uma jararaca.	
		Ela é uma ovelha.	
Ela é uma baleia.			
Ela é uma gata. É muito gata.			
			Anta nordestina.
	Ela é uma piranha.		
		Ela é uma fera.	Ela é fera.
		Rata de academia.	
		Ela é uma pomba.	
		Ela é uma traíra.	
		Ela é uma vaca louca.	
		Mãe-coruja.	
	As galinhas também amam.		
Coelhinhas.	Coelhinhas.		
			Toda gostosa é burra.
		Ela é uma besta.	Ela é uma besta.
	Maria é uma galinha.		
		Sua tartaruga.	
	A meia da loba.		
Ela é uma girafa.			
Perua.			
Ela é uma porca.			
	Cachorra.		

Numa primeira análise, percebe-se que as expressões metafóricas que têm animais como domínio-fonte e um domínio-alvo feminino (cf. LAKOFF, 1993:206-207) estão relacionadas a propriedades relativas a características físicas, ao comportamento sexual, ao temperamento ou caráter e à inteligência da mulher.

Inicialmente tratar-se-á das expressões metafóricas cujos domínios estão relacionados a traços relativos a características físicas.

Observe as sentenças a seguir:

(30) Ela é uma baleia.

(31) Ela é uma gata.

(32) Coelhinhas.

(33) Ela é uma girafa.

(34) Perua.

(35) Ela é uma porca.

As sentenças acima fazem referência à aparência física da mulher e ao caráter estético. Em (30), o animal “baleia” é escolhido por sua característica física: é um mamífero grande que pesa toneladas. A intensão da expressão metafórica baleia é física e refere-se a peso. (cf. PUTNAM, op.cit.: 218) Da mesma forma acontece em (35), cujo traço ressaltado é o peso do animal “porco” fêmea e o prazer que eles sentem no seu habitat natural, que é a lama. Não existe a possibilidade de (30) e (35) serem interpretadas a partir de outra intensão. A sentença em (30), por exemplo, não permitiria uma interpretação a partir dos traços: saúde, força e longevidade, que também são características do animal baleia. Tampouco (35) poderia ser interpretada senão como se referindo a alguém gordo ou sujo. As razões para essa escolha do traço relevante não são claras, mas a interpretação parece conduzir à idéia de que o sentido está atribuído pelo contexto de uso. Vale mencionar que essa interpretação está sujeita também a novas possibilidades de criação de efeitos de sentido.

A sentença em (34) é um outro exemplo da tendência ao estético mencionada anteriormente. O traço do termo “perua”, que pode servir para uma interpretação partindo da aparência física, na verdade não diz respeito à fêmea da espécie, já que é sabido que é o macho quem tem as plumas mais coloridas e bonitas. Mas (34) não se refere ao aspecto físico como algo apreciável. Em um contexto em que uma mulher apareça excessivamente arrumada, e não seja a única vez que o faz, essa sentença provoca um efeito de sentido depreciativo do comportamento dessa mulher. A interpretação demonstra que não é semelhança entre os termos, são características consideradas comuns (cf. DAVIDSON op.cit.:38) e

construídas pelo contexto de uso (cf. PUTNAM, op.cit.:250), que estabelecem a ressignificação do termo “perua”.

Já (31) e (32), “gata” e “coelhinhas”, expressões bastante encontradas na revista Playboy, salientam a seguinte característica física: é uma mulher bonita, atraente, sexy, sedutora. Entretanto, não torna claro a que parte do corpo feminino ou a qual característica específica se refere, como em “baleia”. “Baleia” refere-se especialmente a peso; “gata” e “coelhinhas” referem-se ao conjunto do que é considerado belo, bonito, ou sexualmente atraente. A expressão “Coelhinhas” também pode estar relacionada a traços referentes a comportamento sexual, o que será visto na próxima seção.

Ainda se tratando de traços físicos, a questão da altura e da postura corporal é metaforizada em (33) cujo domínio-fonte é um animal de alta estatura, a “girafa”.

Outro exemplo relevante nessa categoria é:

(36) Ela é uma vaca.

Há mais de uma entrada para a expressão “vaca” na categoria animal e, por isso há várias possibilidades de interpretação da metáfora. Quando uma pessoa usa a expressão (36) numa discussão, querendo ofender uma mulher, pode estar querendo se referir principalmente ao seu caráter, mas também, e não no mesmo contexto, a sua característica física. Nesse momento, propõe-se analisar apenas o aspecto relativo à característica física.

A questão fundamental para a interpretação dessa metáfora como física é também o peso do animal, da mesma forma como se processou com os animais “baleia” e “porca”. O traço pelo qual a “vaca” é mais conhecida, como o de ser uma fornecedora de leite e carne para alimentar o ser humano está encoberto sob o traço que corresponde ao peso, ao tamanho, à capacidade do animal fêmea de parir e à maternidade sem controle. De maneira alguma se poderia pensar em semelhanças entre uma vaca e uma mulher, mas o que faz dessa sentença uma metáfora é o fato de ela, quando tomada literalmente, ser falsa (cf. ORTONY, op.cit.: 343) e o termo “vaca”

ser considerado contra-indicado para referir-se a mulher. (cf. GOODMAN, 1979:181)

O domínio de origem (fonte) é o animal-fêmea: a vaca; o domínio alvo é a mulher que, assim como a vaca, tem a capacidade de dar a luz a um novo ser. Não se pode esquecer de que os domínios na teoria conceptualista se correspondem (cf. LAKOFF, op.cit. 208); portanto, se o traço escolhido para a interpretação da metáfora é a capacidade de reprodução, tanto o animal quanto a mulher possuem esse traço.

Quanto à interpretação de “Ela é uma vaca”, o léxico pode afetá-la indiretamente, já que restringe a possibilidade de interpretação da metáfora, embora LAKOFF & JOHNSON op.cit.48) afirmem o contrário. Só é possível interpretar essa sentença por causa da língua, que estabelece os parâmetros, segundo os quais o exemplo dado nos diz que vaca é um animal do gênero feminino, que possui óvulos e é capaz de amamentar sua cria, assim como a mulher metaforizada. São os traços da ⁶coisa metaforizada, que determinam a aceitação da metáfora e a sua adequada interpretação.

Dessa análise, percebe-se que características físicas e estéticas, como peso, altura e beleza, são metaforizadas por expressões que envolvem fêmeas das espécies animais. Quando se trata de traços físicos, a tendência parece apontar para uma interpretação em termos de atração sexual e não de fatores puramente estéticos.

Num segundo momento, tratar-se-á de sentenças cujos domínios estão relacionados a traços relativos a comportamento sexual. Observe as seguintes sentenças:

(37) Fama de galinha.

(38) Cadela.

(39) Ela é uma piranha.

(40) As galinhas também amam.

(06) Maria é uma galinha.

(41) A meia da loba.

⁶ Pensemos em termos de palavra e não de coisa.

(42) Cachorra.

Não há nenhuma dificuldade para o leitor em identificar as expressões anteriores como metáforas do comportamento sexual da mulher. Hipoteticamente isso se dá porque os domínios-fonte “galinha”, “cadela”, “piranha” e “coelhinhos” possuem traços que, associados ao domínio-alvo mulher, impõem uma interpretação sexual à sentença. No caso da expressão “galinha”, os traços relevantes para a interpretação da sentença são: fêmea do galo, da família dos galináceos, capacidade de procriar. Os únicos traços semânticos que podem confirmar identidade entre o domínio-fonte e o domínio-alvo são: ser fêmea e ter a capacidade de procriar. Mas apenas esses traços não implicam na interpretação comum a essas expressões, que está sempre associada à promiscuidade. Nesse caso, parece que a influência do léxico é mínima e o conceito será mais relevante para solucionar o problema da interpretação, assim como o contexto de uso da sentença.

No caso de “cadela” e “cachorra”, os traços semânticos dos termos são: fêmea do cão que tem a capacidade para procriar. Não existe um traço específico nesse animal que comprove a similaridade entre os domínios. (cf. ORTONY, op.cit.:345) A interpretação que se dá a essa expressão é também sexual e, como já dito, não existe uma razão aparente para que se entenda “cadela” ou “cachorra” como promíscuas, sem que se admita que no reino animal o sexo é instintivo.

Já em (39), o termo “piranha” pode ter assumido um caráter metafórico relativo à sexualidade a partir da compreensão do verbo polissêmico “comer” em português. A “piranha” é um peixe de água doce que come carne, inclusive humana, e a devora com uma voracidade inigualável no reino animal. Talvez seja esse traço que identifique os dois domínios. Mas a similaridade não é aparente, é apenas prototípica. (cf. GLUCKSBERG, op.cit.48) Ou seja, é um protótipo do animal “piranha” que é visto como devorador de homens e esse traço é transportado para a mulher.

A expressão “Coelhinhos” da sentença (32) é específica da revista Playboy, que tem esse animal como logotipo. Nas reportagens e nos ensaios

fotográficos com as mulheres, elas são chamadas de “coelhinhos”. Os traços específicos do termo que designa o animal “coelhinho” são: fêmea, que procria muitos filhotes. Portanto, mais uma vez, não são as características do animal que fornecem dados para uma interpretação sexual da metáfora.

Finalmente, a sentença (41), retirada de uma propaganda de meias-calça femininas. A interpretação esperada para essa chamada é que se associe o termo “loba” à mulher vivida e, por extensão, experiente sexualmente. Mas não há no animal fêmea “loba” qualquer atributo que possa ser relacionado a essa interpretação.

Da observação desses dados, percebe-se que o traço relevante é a promiscuidade e a interpretação se dá baseada possivelmente numa imagem prototípica do animal. (cf. GLUCKSBERG, op.cit.: ibid) Essa análise será feita em outra seção.

Quanto às expressões que possibilitam uma interpretação direcionada ao temperamento e ao caráter da mulher, é importante salientar que a maioria delas implica em aspectos da personalidade que são fundamentalmente femininos, como a sensibilidade, a emotividade, o ser temperamental e a instabilidade emocional.

Observe as sentenças abaixo:

- (04) Ela é uma cobra.
- (43) Uma serpente.
- (44) Uma víbora.
- (45) Uma jararaca.

Essas metáforas são convencionais. Todas as expressões utilizadas para compor essa metáfora específica se referem a um réptil, da família dos ofídios, que pode ser fêmea ou macho. “Cobra” e “serpente” são sinônimos de animais que rastejam e podem ser venenosos ou não; “víbora” é uma designação de cobra venenosa; e “jararaca” é uma espécie de ofídio venenoso. Pode-se encontrar alguma similaridade entre essas espécies animais e o comportamento ácido, temperamental e instável de algumas mulheres, somente por extensão do traço “ser venenoso”. Mas isso não justifica o fato de que outros traços do animal “cobra” sejam apagados no

mapeamento e que apenas os traços salientes sejam suficientes para uma interpretação metafórica. A interpretação que se dá a (04) é que a mulher é dissimulada e traidora, ainda que não existam provas concretas dessa atitude da mulher a não ser por uma crença sócio-cultural construída com base no texto bíblico, portanto estereotipada.

Essas expressões metafóricas também se referem ao comportamento social. Nesse caso, o que importa é a forma de condução da mulher nas suas atividades sociais. Todas as sentenças implicam considerá-la como uma pessoa difícil de se conviver, intolerável, insuportável.

Outro exemplo que conduz a uma interpretação voltada para o temperamento da mulher é:

(46) Ela é uma fera.

Essa sentença também já está lexicalizada, mas ainda permite uma interpretação voltada para o temperamento colérico da mulher, em algumas situações. “Fera”, na verdade, não é um animal, é um sinônimo para a palavra animal, acrescentando-se os adjetivos bravios e carnívoros.

Ainda se tratando da questão do temperamento, observe as sentenças a seguir:

(47) Ela é uma ovelha.

(48) Ela é uma pomba.

(49) Sua tartaruga

Contrariamente ao visto nas sentenças anteriores, aqui se encontram três metáforas que encerram características de temperamento associadas à tranqüilidade, à serenidade, à passividade, à apatia e à vagareza. Tanto “ovelha” quanto “pomba” são animais considerados pacatos, calmos. Aparentemente os traços semânticos desses termos são suficientes para a obtenção da interpretação que se dá a essas metáforas. Apenas (49), dita em uma situação de trabalho, por exemplo, pode ser considerada ofensiva, porque remete à preguiça, à aversão ao trabalho, à morosidade e à negligência.

Outra sentença que tem um efeito de sentido ofensivo, apesar de caracterizar a pessoa como calma e tranqüila, é:

(50) Ela é uma besta.

A interpretação para essa sentença, tanto pode enveredar pelo caminho da inteligência quanto do temperamento. Aqui se tratará do temperamento. O efeito de sentido produzido permite pensar numa pessoa sem pulso, sem autoridade, dominada por outros. Talvez isso se dê por aproximação ao animal que é sinônimo de “besta” e que é totalmente dominado, mal tratado pelo seu dono. O contexto permite uma resignificação do termo e uma interpretação metafórica.

Outra expressão que se encaixa na categoria de comportamento é:

(51) Rata de academia.

Essa expressão, também muito repetida na revista Playboy, refere-se à mulher que vai muitas vezes durante a semana à academia fazer ginástica. É uma expressão que, na revista, tem um tom de elogio a uma pessoa que se cuida, mas pode ser interpretada como uma ofensa, se for dita em um ambiente no qual não se privilegie o cuidado com o corpo. Os traços semânticos da palavra “rata” são: animal mamífero roedor, fêmea do rato, capacidade de procriar. No dicionário, há também o sentido de ladrão, gatuno, atribuído ao animal rato. Mas não é essa a conotação dessa metáfora. (51) deve existir por causa da facilidade de trânsito do animal “rata” em um ambiente, por muito tempo, sem ser visto; por habitar um local bastante movimentado e por analogia com a expressão idiomática “rato de biblioteca”. A diferença é que “rato de biblioteca” tem uma conotação voltada para a intelectualidade e (51) tende a privilegiar o corpo.

Em

(52) Ela é uma traíra.

tem-se uma aproximação entre o nome do peixe de rio “traíra” e a forma do mais-que-perfeito do verbo trair e designa uma pessoa traidora, falsa. É difícil comprovar a identidade dessa metáfora.

Um caso especial ficou sem interpretação dentro da visão da metáfora:

(53) Mãe –coruja.

A sentença (53) poderia ser considerada uma metonímia por manter a aproximação entre os domínios. Mas se for considerada uma metáfora, o

traço do animal “coruja” que pode estar sendo ressaltado é a capacidade de cuidar dos filhotes da espécie, inclusive baseando-se na fábula clássica, na qual os filhotes da coruja são comidos por outro animal e quando a mãe vai buscá-los não tem notícia deles, porque está à procura dos filhotes mais bonitos da floresta. Então, é a forma complacente, tolerante e orgulhosa da coruja de ver os filhos, na fábula, que permite essa interpretação. Ainda assim essa similaridade é relativa.

Finalmente, nesse bloco, a expressão:

(54) Ela é uma vaca louca.

Em (54), “vaca louca” pode permitir uma interpretação voltada para o temperamento colérico e nervoso da mulher em determinadas épocas. Faz associação indireta à febre aftosa que contaminou muitos animais dessa espécie na Ásia e que se tornou conhecida como “mal da vaca louca”.

Como visto anteriormente, a expressão “vaca” tem mais de uma entrada na categoria animal. Nesse caso específico, permite um efeito de sentido relacionado ao caráter da mulher, relacionando-o com ausência de valores. Quando alguém chama uma mulher de “vaca”, numa discussão fervorosa, provavelmente quer ofendê-la no seu brio, pretendendo considerá-la indigna.

O que se pode perceber até essa etapa da análise é que as metáforas cujo domínio-fonte são animais relacionam-se a temperamento sensível e, ao mesmo tempo, forte e raivoso, e à característica da mulher de ser compreensiva e diligente.

Quanto à categoria inteligência, observe as sentenças:

(55) Toda gostosa é burra.

(56) Ela é cobra.

(57) Anta nordestina.

(58) Ela é fera.

Na sentença (55), interessa apenas o domínio-fonte “burra”, designando uma pessoa sem inteligência, estúpida, idiota. (55) é um chavão bastante difundido na sociedade, assim como as palavras “burro” e “burra” são conhecidas e dicionarizadas com esse sentido. Portanto, essa sentença já não permite uma interpretação metafórica.

Já as sentenças em (50) “Ela é uma besta.” e (57) são metafóricas e os traços semânticos salientes das expressões “besta” e “anta” remetem à idéia de uma aparente incompetência da mulher, a sua pouca inteligência e a sua estupidez. O que também não tem nenhuma base nos traços desses termos que designam animais.

As sentenças “Ela é cobra” e “Ela é fera” podem ser lidas como se a mulher fosse considerada socialmente imbatível de tão capaz e inteligente.

Para finalizar a análise dessa categoria, é importante salientar que alguns dos animais aqui apresentados são domésticos e outros, apesar de não viverem com o homem, são mansos e submissos. Esse traço lexical também pode contribuir para uma interpretação próxima à crença em uma possível submissão da mulher ao homem. No entanto, isso só poderá ser comprovado a partir de uma análise dos conceitos implícitos a cada uma dessas metáforas.

Outra questão importante diz respeito ao processo de interpretação dessas metáforas. É possível crer-se que elas surgiram da seguinte forma: a pessoa as ouviu, percebeu a não-identidade entre os termos mulher e animal, buscou uma semelhança entre os traços para estabelecer o compartilhamento; não a encontrando, buscou no contexto algum elemento que se pudesse incorporar para a construção de um efeito de sentido; como muitas vezes o contexto também não informa, criou-se um novo efeito de sentido. Isso será visto na seção dedicada à análise conceptual.

3.2.2.2 Artefatos e suas propriedades

Para analisar essa categoria, foi necessária a aplicação de uma subcategorização, porque não só os artefatos podem servir para classificar a mulher segundo sua forma física, sua função ou papel, seu valor ou seu comportamento, mas as propriedades dos objetos referem-se também a temperamento, aspecto físico e inteligência da mulher. É isso que será visto a seguir.

As expressões metafóricas, cuja fonte são artefatos, referem-se, normalmente, à forma, à função, ao valor e ao comportamento da mulher. Ou seja, esses atributos da mulher são demonstrados através das formas, funções, valores e comportamento dos objetos. Observe a tabela a seguir:

TABELA 7 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ARTEFATOS

FORMA	FUNÇÃO/VALOR	COMPORTAMENTO
	Ela é uma geladeira.	
Ela é um avião.	Ela é um avião.	Ela é um avião.
Teco-teco		
		Maria-Sapatão
	Ela é um trator.	
	Ela é multimídia.	
Que canhão.		
	Tesouro da minha vida	
Bonequinha		
	Ela é uma porta.	
	Maçaneta	
	Corrimão	
	Sabonete	
	Tubaina	
	Marmita	
Que pastel	Que pastel	

Observe as expressões abaixo:

(59) Teco-Teco.

(60) Que canhão!

(61) Bonequinha

(62) Que pastel

As expressões acima, assim como “avião”, parecem conduzir a uma interpretação voltada para a forma da mulher. Isso se dá ao associar a forma do objeto domínio-fonte à forma do domínio-alvo mulher. Tanto “avião” e “teco-teco” quanto “bonequinha” aludem à aparência física da mulher, considerando-a bonita e aproximando-a de uma máquina, nos dois primeiros casos. No caso específico de (59), alude-se ao aspecto físico da mulher, referindo-se ao pequeno porte do avião. Contrariamente a essas sentenças, (60) e (62) parecem referir-se a aspectos considerados como negativos na mulher. “Canhão” significa mulher feia e não informa a qual parte específica

do corpo ou a que traço físico se refere. Já “pastel”, significa que é uma mulher vazia. Essa expressão aparece em forma de uma piada, cujo complemento é “gostosa por fora e vazia por dentro”. Nesse caso, é a forma do objeto que está sendo metaforizada. Entretanto, nessas sentenças não há um total compartilhar de predicados (cf. ORTONY, op.cit.:342), há uma semelhança relativa construída por estereótipos da mulher.

Ainda nessa categoria, existem algumas expressões que fazem alusão à função do objeto e ao papel da mulher e sua inteligência. Esse é o caso de “avião”, “multimídia” e “trator” que enfatizam atributos relacionados à velocidade com que se pensa ou se faz alguma coisa, à inteligência e à sagacidade da mulher. Ser um “avião”, em um contexto em que a expressão não se aplique à beleza, significa ser rápido, esperto, dinâmico etc. Ser “multimídia” parece conter um valor associado à modernidade, porque recupera o termo da tecnologia, e, quando associado à mulher, o termo significa ser capaz de atuar em várias áreas. Na revista na qual foi encontrada essa expressão, ela se referia ao caráter sexual da mulher. Já “trator” não identifica a mulher como atuante, ou como bela, ou apenas rápida, significa também, e principalmente, que a mulher não tem escrúpulos, é capaz de qualquer coisa para alcançar os seus objetivos.

Da mesma forma, as expressões abaixo:

(63) Ela é uma geladeira.

(64) Ela é uma porta.

(65) Maçaneta.

(66) Corrimão.

(67) Sabonete.

(68) Tubaína.

(69) Marmita.

A função do objeto “geladeira” é conservar os alimentos através do gelo. Quando alguém se dirige a uma mulher com a expressão (63) está se referindo tanto ao seu temperamento frio quanto à frigidez sexual, a partir da função do objeto “geladeira”. Com a expressão “porta” o que importa é a

inteligência, ou a falta dela. Contrariamente a essas duas expressões, surgem “maçaneta”, “corrimão”, “sabonete”, “tubaína” e “marmita” com alusões ao comportamento sexual da mulher. As cinco últimas expressões também atribuem à mulher uma noção de valor, a partir da função desses objetos. “Maçaneta” e “corrimão” são objetos nos quais todos tocam; do mesmo modo a mulher que assim é metaforizada. Eles são artefatos úteis, mas quando metaforizam a mulher dão o efeito de sentido contrário: significam depreciação, menosprezo e desvalorização da mulher. “Sabonete” é um objeto útil, com odor agradável, cuja função é limpar o corpo. Na interpretação dessa metáfora, significa algo escorregadio, frívolo, volúvel e, portanto, atribui à mulher um valor sexual negativo, a partir da função do objeto. “Tubaína” é uma marca de bebida barata, doce e considerada ruim pela maioria das pessoas que têm condições de comprar refrigerantes mais caros. Quando se metaforiza a mulher com essa bebida, o atributo do refrigerante que está sendo considerado é o preço, ou seja, o valor da bebida é o valor do objeto. No caso de “marmita”, tem-se também um objeto barato, que substitui uma refeição num restaurante caro e está associado à alimentação dos peões de obra. Esse valor, considerado negativo, é que é associado à mulher quando se pretende metaforizar. Mas o fundamental é observar que essencialmente é a função do objeto que é compartilhada pela mulher.

Ainda se tratando de função, observe o exemplo abaixo:

(70) Tesouro da minha vida.

Essa expressão também agrega valor à mulher, a partir da função do objeto domínio-fonte. Mas, diferentemente das anteriores, “tesouro” resguarda uma idéia de supervalorização, de preço elevado e até mesmo de algo de valor inestimável. Essa expressão é bastante antiga, lexicalizada e é considerada em alguns contextos de pessoas mais jovens como uma forma ultrapassada de referir-se à mulher. Ela também poderá ser dita referindo-se a um homem e o efeito de sentido atribuído será o mesmo.

Finalmente, os artefatos podem indicar também traços do comportamento social da mulher, como é o caso de “avião” e:

(71) Maria-Sapatão.

Essa sentença foi muito usada há alguns anos e ficou conhecida por causa de uma letra de música que se referia ao comportamento de uma mulher que de dia se comportava como mulher e à noite como se fosse um homem. Na verdade, (71) alude à homossexualidade feminina de uma forma cômica e, implicitamente, atribui juízo de valor a essa atitude ou comportamento. “Sapatão” refere-se ao número de sapato usado pelos homens, que normalmente é maior do que o das mulheres. Ao analisar essa sentença não fica muito claro se há uma metáfora ou se é um caso de metonímia.

No caso de (01) “avião”, tem-se uma sentença cuja interpretação, além de voltar-se para a aparência física da mulher, também pode ter um efeito de sentido voltado para o comportamento social da mulher. Ser um “avião”, no contexto profissional, significa ser rápida, competente, capaz e inigualável. Nesse caso, a propriedade do objeto que se torna saliente é a sua rapidez.

Percebe-se também nessa categoria que as propriedades dos artefatos ressaltadas para a composição da metáfora não são necessariamente inerentes aos objetos. Elas são construídas no contexto em que as metáforas são inicialmente ditas.

Como já dito no primeiro parágrafo dessa seção, as fontes que indicam propriedades de artefatos referem-se ao temperamento, aos aspectos físicos e à inteligência. Observe a tabela a seguir:

TABELA 8 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA PROPRIEDADES DOS OBJETOS

TEMPERAMENTO	ASPECTOS FÍSICOS	INTELIGÊNCIA
Ela é descontrolada.	Turbinada natural	Mulher atendida
Ela está alterada.	A superlativa	Sua tapada.
Ela é fechada.	Plastificada	Garota descolada.
	Ela é turbinada	

Com base no quadro acima. observe as seguintes expressões:

(72) Ela está descontrolada.

(73) Ela é alterada.

(74) Ela é fechada.

Em (72), (73) e (74) estão expressões que não se parecem metafóricas pelo uso que se faz delas. Mas, nessa análise, elas estão sendo vistas como metafóricas, já que trazem adjetivos que têm como traço prototípico (cf. GLUCKSBERG op.cit.: 43) referir-se a objetos. Máquinas, produtos e portas podem ser ou estar “descontroladas”, “alteradas” e “fechadas”, respectivamente. Nessas sentenças, a aplicação desses adjetivos referindo-se à mulher, independente de contexto, está sempre relacionada à sua falta de controle emocional e ao seu comportamento social. Esses adjetivos poderiam estar associados ao ser humano de qualquer gênero.

Nos casos mencionados, não existe um compartilhamento de traços (cf. TVERSKY, apud. ORTONY, op.cit.: 346), o que há é uma mudança de referente. Em outros termos, em outro contexto, as palavras “descontrolada”, “alterada” e “fechada” se refeririam a outro ser ou coisa que não mulher.

No que diz respeito aos aspectos físicos, aparecem as metáforas:

(75) Turbinada natural.

(76) A superlativa.

(77) Plastificada.

As sentenças em (75) assim como “Ela é turbinada.”, (76) e (77) são exemplos de caracterização da mulher a partir de um adjetivo referente a objetos ou a máquinas. Todas elas enfatizam aspectos físicos. O verbo “turbinar” vem do substantivo “turbina” que, segundo o dicionário (BUENO, 2000) é “motor ou aparelho equipado com uma roda de eixo vertical, que gira sob a ação de um fluido (água, gás etc)”. Só é possível turbinar-se máquinas, como aviões, carros etc, com o objetivo de potencializá-los. No contexto em que as sentenças (75) e (15) são utilizadas, ser turbinada significa ter colocado silicone em seus seios para aumentá-los de tamanho. É uma metáfora muito nova e, numa interpretação grosseira, poderia significar que a mulher, com silicone, passa a ser uma máquina mais potente.

Já “superlativa” é uma sentença que traz um substantivo retirado da terminologia gramatical que significa “grau do adjetivo em sua significação mais elevada.” (cf. BUENO, op.cit.). Esse uso metafórico, no contexto do qual foi retirado, está associado à beleza física, à perfeição dos traços da mulher. Não está associado apenas a máquinas, mas a artefatos de maneira geral.

No caso de “plastificada”, que também é um adjetivo qualificador, tem-se a seguinte relação: aplica-se a produtos ou documentos e a objetos de maneira geral. No contexto no qual essa expressão foi utilizada, ela recebe um efeito de sentido relacionado à necessidade cada vez maior de estar bonita, jovem, através de cirurgias plásticas. “Plastificada”, nesse contexto, é uma expressão derivada do substantivo plástica, que significa “arte de plasmar; arte de reconstituir artificialmente uma parte arruinada do corpo humano” (cf. BUENO, op.cit.). Dessa forma, a metáfora cria um novo adjetivo para referir-se à mulher que fez cirurgia plástica. Mas o contexto do qual foi retirada a sentença permite uma conotação possivelmente inconveniente, pois pressupõe que a mulher já fez tantas cirurgias plásticas que perdeu a sua expressão original, ficando parecida com um objeto plastificado: sem movimento. (cf. PUTNAM, op.cit.247)

A última análise dessa categoria tratará das metáforas que se referem à inteligência da mulher. Observe os exemplos abaixo:

(78) Mulher antenada.

(79) Sua tapada.

(80) Garota descolada.

O exemplo (78) traz o adjetivo “antenada” que se deriva provavelmente do substantivo antena, objeto cuja função é “receber ou transmitir as ondas hertzianas” (cf. BUENO, op.cit.), portanto se aplica a coisas e máquinas: pode-se colocar antenas em televisores e rádios. Mas, no contexto no qual essa expressão está sendo usada, ela significa algo relacionado às necessidades da modernidade, como estar sempre bem informado sobre tudo à sua volta. No dicionário, existe o adjetivo antenado, mas ele não se aplica a seres humanos. É um vocabulário da Zoologia e significa “Provido

de antenas” (cf. BUENO, op.cit.). Portanto, há um novo sentido sendo aplicado a esse adjetivo e ele pode referir-se a mulher ou a homem.

Do mesmo modo, “Garota descolada” traz um adjetivo que está associado às necessidades da modernidade. Em português, o adjetivo “descolada” tem originalmente duas conotações. Pode significar “desligado, desapegado, desunido” (cf. BUENO, op.cit.), referindo-se à relação entre pessoas e à junção de objetos com a ajuda de uma cola e pode significar “conseguido, obtido”, referindo-se a algum objeto ou propósito, como em “tinha descolado um emprego”. No uso metafórico, o efeito de sentido que se quer causar é: pessoa moderna, sem apego a tradições, pessoa que transita em vários setores do conhecimento etc. Esse efeito é produzido pela relação com o primeiro significado do dicionário, apresentado acima. Ou seja, pode-se dizer que uma pessoa é descolada quando ela está desligada das tradições, quando ela é moderna e gosta de conhecer e experimentar coisas novas.

É importante salientar que ambos os usos, “antenada” e “descolada”, referem-se à categoria inteligência, atribuindo à mulher uma inteligência incomum, valorizada socialmente. No entanto, é importante acrescentar que o efeito de sentido dessas sentenças não pode estar associado apenas a manifestações de inteligência, mas também a um comportamento social próprio da modernidade, e que esses adjetivos podem e são também usados para o homem.

No caso de “tapada”, em qualquer contexto no qual seja dita, significará falta de inteligência. Essa sentença está sendo considerada metafórica porque uma característica própria de objetos ou parte do corpo está sendo atribuída a uma pessoa. Pode-se tapar painéis, o rosto etc. Mas essa sentença nunca será dita, em português, pensando que a mulher está coberta por um lençol, por exemplo. É exatamente a impossibilidade dessa interpretação que cria o novo sentido, o sentido metafórico. (cf. BLACK, op.cit.:27,28)

Em todos esses exemplos, os referentes são totalmente diferentes e não se pode generalizar afirmando que houve em cada um deles uma transferência de significado entre os domínios.

Nessa categoria é possível que a interpretação se dê da seguinte forma: a pessoa ouve a sentença, não reconhece uma relação entre ser humano e objeto ou suas características, mas percebe uma similaridade entre alguns predicados. Embora a similaridade não seja absoluta, ela faz uma interpretação a partir dessa aparente similaridade construída.

3.2.2.3 Elementos da natureza

Muitos das expressões metafóricas baseadas em elementos da natureza já são lexicalizadas. Ainda assim a análise conduz a categorizá-las em metáforas que têm o seu efeito de sentido associado ao temperamento, ao comportamento sexual e a características positivas da mulher. Observe a tabela abaixo:

TABELA 9 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ELEMENTOS DA NATUREZA

TEMPERAMENTO	COMPORTAMENTO SEXUAL	CARACTERÍSTICAS POSITIVAS
Ela é um bloco de gelo.	Ela é uma bananeira.	Ela é o sol.
	Ela é uma bactéria.	Ela é a lua.
	Ela é um bloco de gelo.	A estrela da festa.
		Minha luz
		Minha flor.

A única expressão metafórica baseada em elementos da natureza que diz respeito ao temperamento da mulher é:

(81) Ela é um bloco de gelo.

Essa sentença produz um efeito de sentido referente a temperamento frio, insensível e impenetrável, a partir da impossibilidade de encontrar sentido em uma mulher ser um objeto da natureza. É possível que essa interpretação seja dada a partir da característica efetiva do objeto “bloco de

gelo”, que é transposta à mulher. O “bloco de gelo” é duro e frio. Sua forma é inatingível, assim como a mulher a que se quer caracterizar com essa metáfora. Mas tem também uma conotação sexual, que possivelmente é dada por um conjunto de traços prototípicos do objeto, pois não há qualquer característica do “bloco de gelo” que possa ser transposta à mulher com o efeito de sentido referente ao seu comportamento sexual.

Duas outras metáforas desse bloco induzem a uma interpretação relacionada ao comportamento sexual da mulher. Observe os exemplos:

(82) Ela é uma bananeira.

(83) Ela é uma bactéria.

Como já mostrado no quadro 9, essas expressões são típicas de dois estados diferentes e são ditas em contextos também diferentes. A sentença (82), é dita referindo-se à mulher que não gosta de sexo ou que apenas se submete a sexo sem gostar. Uma possibilidade de julgamento dessa interpretação é admitir uma semelhança relativa entre uma “bananeira” e uma mulher, o que realmente não existe. O traço da bananeira que é retirado e colocado nesse tipo específico de mulher é o de ser, como toda a árvore, presa à terra, sem movimentos, ou se pode pensar no fato de que, como qualquer árvore, a bananeira fica suscetível e sujeita a atividades humanas, nesses caso masculinas, sem reação alguma, sem capacidade de expressão, nem vontade. Também é possível que essa metáfora aluda à prática de ter relações sexuais com as folhas da bananeira, comum no interior do Brasil. Essa metáfora, então, seria construída com base num conhecimento associado a um objeto, que não caracteriza essencialmente esse objeto.

A sentença “Ela é uma bactéria”, dita referindo-se à mulher freqüentadora dos bailes *funk* de São Paulo, significa mulher promíscua, ousada e se refere ao comportamento sexual. Mas essa interpretação só é possível se a análise for conduzida à investigação do traço mais marcante da “bactéria” e que mais se aproxima da idéia de reprodução, que é o fato de esse ser reproduzir-se rapidamente no meio em que vive e pertencer a inúmeras espécies. (cf. LAROUSSE CULTURAL)

As sentenças seguintes fazem parte de um grupo de metáforas que traduzem as características positivas associadas à mulher.

- (84) Minha flor.
- (85) Minha luz.
- (86) Ela é o sol.
- (87) Ela é a lua.
- (88) A estrela da festa.

Essas expressões metafóricas remetem a características femininas pertinentes a um mundo idealizado, no qual a mulher é perfeita, sublime e virginal. Todas elas são construídas a partir de elementos da natureza que indiscutivelmente inspiram simpatia, como a “flor”, a “luz”, o “sol”, a “lua” e a “estrela”. Em (84), dentre os traços do domínio-fonte “flor” estão a “delicadeza”, a “beleza” e o “perfume”. Em “luz”, “sol” e “lua” tem-se os traços “capacidade de iluminar o ambiente”, “capacidade de dar vida à natureza”, “ser bonito”. Em (85), os traços do domínio-fonte que são aproveitados são a “capacidade de iluminar o ambiente” e a “beleza”. Todos esses elementos inspiram uma interpretação aproximada do ideal e do utópico.

3.2.2.4 Elementos ficcionais

Quanto às metáforas consideradas como elementos ficcionais, os traços que podem ser observados conduzem a uma interpretação voltada para o fascínio ou atração física que as mulheres exercem sobre os homens. No entanto, é possível observar também traços relativos à bondade ou à maldade da mulher. Todas essas interpretações são baseadas num mundo possível (cf. FREGE, op.cit.:107), onde esses seres existam e sejam portadores dos traços que são talvez transportados à mulher.

Observe a tabela a seguir:

TABELA 10 – CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA PARA A CATEGORIA ELEMENTOS FICCIONAIS

APARÊNCIA FÍSICA	CARÁTER
Ela é uma bruxa.	Ela é uma bruxa.
Deusa grega	Fada-Madrinha.
Ela é uma deusa.	
As deusas vão ao tanque.	
Ela é um dragão.	
Minha sereia.	

Inicialmente serão analisadas as sentenças que induzem a uma interpretação aproximada da aparência física e do fascínio que esses seres exercem sobre os outros. Observe as sentenças abaixo:

- (89) Ela é uma bruxa.
- (90) Deusa grega.
- (91) Ela é uma deusa.
- (92) As deusas vão ao tanque.
- (93) Ela é um dragão.
- (94) Minha sereia.

Essas expressões metafóricas podem ser interpretadas em alguns contextos como referentes à aparência física. No caso de (89) e (93), fica evidente que o traço que está sendo ressaltado é a feiúra desses seres mitológicos. Tanto “bruxa” como o “dragão” mitológico são reconhecidos como seres cuja feiúra é um dos seus traços mais marcantes. No caso de (89) também pode-se ressaltar a maldade como traço distintivo.

Já em (90), (91), (92) e (94) são ressaltados traços referentes à beleza dos seres mitológicos em questão. Além disso, “deusa” e “sereia” são seres que têm um forte magnetismo e por isso exercem um enorme fascínio sobre a humanidade. Quando metáforas sobre a mulher são construídas com domínios-fonte como esses, parece querer-se afirmar que não existe outro ser cuja beleza e atração sejam tão fortes quanto a mulher metaforizada.

Todos esses exemplos têm como domínio-fonte um elemento do imaginário humano, associado ou a religião ou aos mitos de uma determinada cultura. Muitos desses mitos surgem nas histórias infantis e são absorvidos de tal forma que passa a ser possível torná-los parte de uma

expressão que traduz um conceito, como “bruxa”, “dragão” e “sereia”. Outros são mitos pagãos, como “deusa”. Sobre os conceitos implícitos a essas expressões falar-se-á na próxima seção.

A seguinte expressão refere-se ao caráter bondoso da mulher:

(95) Fada-madrinha.

Alguns casos particulares surgiram durante a pesquisa e, como tantos outros, não se encaixam em nenhuma das categorias. Mas estes especialmente serão tratados aqui:

(96) Minha musa.

(97) Descanso da guerreira.

As duas expressões acima fazem parte da classificação em elementos ficcionais mas não se encaixam no quadro 10, pois não se referem à beleza ou atração física, nem tampouco resguarda um valor de bondade ou maldade. “Musa” é um ser mitológico, cuja característica é inspirar os poetas. Quando alguém usa essa expressão sempre estará dirigindo-se a uma mulher e ela será uma pessoa especial porque traz inspiração para quem emite a frase. No caso (96), temos “guerreira”, que é um elemento real mas que pode ser também ficcional, embora não seja mitológico. No contexto em que foi dita, essa sentença não se refere apenas a alguém que trabalhou muito e está cansada, mas também a alguém que sempre trabalha muito e por isso merece descanso.

Outros casos que surgiram durante a pesquisa, mas não serão analisados por não se encaixarem em nenhuma das categorias são:

(98) Ela é um sonho.

(99) Uma santa.

(100) Minha princesa.

(101) Meu anjo.

3.2.3 Análise Conceptual

Para iniciar a análise conceptual das metáforas sobre a mulher, encontradas nesta pesquisa, é necessário insistir na questão central da perspectiva conceptual, que é o fato de, segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:48), não ser apenas o léxico e suas propriedades que produzem as metáforas, mas o conceito.

Partindo desse princípio, empreendeu-se uma análise das categorias que foram vistas anteriormente sob a perspectiva semântica. A análise, que se pretende conceptual, colocou o seu olhar sobre os conceitos que estão implícitos em cada conjunto de expressões metafóricas do “corpus” desta pesquisa.

No caso das metáforas que têm como domínio-fonte animais, o estudo semântico mostrou as seguintes regularidades. Faz-se uso de metáforas com animais referindo-se à mulher para tratar de suas características físicas, do seu comportamento sexual, do seu temperamento ou caráter e de sua inteligência. No entanto, apesar da análise dos traços lexicais ser insuficiente para dar conta dos significados que surgem dessas metáforas em uso, a análise conceptual também não é suficientemente explanatória para se resolver as questões de metáfora. Isso se dá porque os conceitos implícitos na metáfora não estão realmente associados aos elementos que as compõem, mas são construídos por modelos prototípicos ou estereótipos.

Para justificar a afirmação acima, veja a seguinte análise. Enquanto em “baleia” e “porca”, o traço distintivo peso parece contribuir para a interpretação da metáfora, em “gata” e “Coelhinhas” não há realmente um traço nesses animais que possa corroborar com a interpretação voltada para a beleza da mulher. Se for dessa forma, todos os animais da lista que se refere à característica física da mulher poderiam permitir uma interpretação voltada para a beleza, já que todos os animais são esteticamente bonitos, dependendo do ponto de vista. A hipótese que se pode apresentar é que tanto o animal quanto a mulher compartilham não de um único mapeamento conceitual pré-estabelecido e presente na mente de quem produz essas metáforas, mas de um estereótipo social (cf. PUTNAM op. cit.:251) que vê o

gênero feminino sob uma perspectiva estética e física. As expressões “baleia” e “porca” são interpretadas por quem as ouve como pejorativas, já que na sociedade atual, marcada por ícones delgados e longilíneos, ser chamado de gordo é pejorativo. Como já dito, é impossível dizer “baleia” ou “porca”, referindo-se a uma pessoa como bela, forte ou sensível, mesmo sabendo-se que os animais “baleia” e “porca” podem ser considerado bonitos, são fortes e não são ferozes.

Nesse momento é necessário ressaltar que esses efeitos de sentido não são apenas oriundos do sujeito ou característica de um contexto único e privativo. Os sentidos são construídos historicamente e não fazem parte de um conjunto de leis que abrigam o cérebro humano. São construções marcadas e estereotipadas pelas experiências sociais do homem.

O mesmo ocorre com as expressões que indicam comportamento sexual, temperamento ou caráter e inteligência. Não existe qualquer argumento que comprove a promiscuidade dos animais que, quando colocados em uma metáfora sobre a mulher, dão uma conotação sexual de promiscuidade. A razão para que se interprete termos como “galinha”, “cadela” e “piranha”, entre outras, como metáforas de uma mulher sexualmente livre pode estar numa relação prototípica (cf. GLUCKSBERG, op.cit.:72) em que se considere um tipo específico de “galinha” ou de “cadela” ou de “piranha”. E que esse tipo específico tenha entre seus traços a característica de promiscuidade, liberação sexual etc. Ou pode ser fruto, como já dito, de uma construção historicamente constituída e estereotipada.

No que tange ao temperamento, as metáforas reafirmam algo que já é vigente que é o fato de a mulher ser mais temperamental, mais emotiva, mais impulsiva e mais instável emocionalmente do que os homens. Mas isso não é suficiente para que se generalize. Metáforas cujo domínio-fonte são “cobras”, “serpentes”, “víboras” e “jararacas”, considerando a mulher como temperamental, talvez provenham do mito bíblico, que apresenta uma relação muito estreita entre a mulher, a cobra e a traição.

Quando se trata dos animais que metaforizam a mulher com relação à sua inteligência, o que se percebe é uma forte tendência a tratá-la como

pouco inteligente. Mas a razão para se considerar animais como “anta” e “burra” como símbolos da pouca inteligência não está nos traços semânticos dessas palavras, nem nas características dos animais e sim num possível estereótipo criado a partir de uma categoria prototípica desses animais.

Apesar do exposto nos parágrafos acima, é praticamente impossível estabelecer um parâmetro segundo o qual se saiba se o traço metaforizado realmente existe, apesar de o léxico contribuir para essa existência, ou se é um conceito formulado a partir de estereótipos.

O léxico, segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:234), tem a responsabilidade de restringir a possibilidade de interpretação da metáfora conceptual. Só é possível interpretar a metáfora por causa da língua, que estabelece os parâmetros. Mas o contexto também tem seu papel nessa relação entre construção e interpretação da metáfora, assim como o social. Por exemplo, se uma mulher é chamada de “cobra” por uma mulher de ex-marido, a interpretação será conduzida ao caráter dessa mulher; mas se for numa situação de disputa entre pessoas, provavelmente é o temperamento forte da mulher que estará em questão.

Mas se transformarmos “Ela é uma cobra” em “Ela é cobra”, a sentença passará a ter uma conotação de inteligência. Aqui a variação dependerá também da presença ou não do artigo.

Assim, o termo “cobra” permitiria três possíveis interpretações: mulher sem caráter, instável emocionalmente e inteligente. E já se sabe que a “cobra” não possui nenhuma dessas características.

Quanto aos artefatos e suas propriedades, percebe-se mais uma vez uma tendência a metaforizar a forma física da mulher, dessa vez estabelecendo uma aproximação entre ela e a forma, a função e o comportamento de um dado artefato. O exemplo (01) “avião” é eficaz para mostrar a importância de se valorizar o contexto de uso da sentença, pois se ela for dita por um homem a sua interpretação passará pela seguinte trajetória: o sexo masculino normalmente gosta de máquinas, e isso já é um estereótipo; aviões são máquinas; aviões são grandes, bonitos. Portanto, essa mulher é uma máquina grande e bonita, útil, rápida etc. Esse conjunto

de traços lexicais que enfatizam a forma da mulher permitem uma interpretação voltada para o estético. Já em (60), “canhão” é uma arma de guerra, grande e pesada, mas numa sentença metafórica não é o traço tamanho ou peso que está em questão e sim a sua aparência estética, que na verdade é um traço irrelevante do objeto em si.

O conceito implícito nessas metáforas é o de que a mulher é um objeto e, portanto, o que importa nela é a sua forma, sua função e conseqüentemente seu valor – inclusive monetário. Observe os exemplos “bonequinha”, “geladeira” e “tesouro”. Mas esse conceito não é gerado nas experiências físicas humanas como afirmam os conceptualistas (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.:153). É um conceito muito antigo na sociedade patriarcal, culturalmente estabelecido e que alimenta o estereótipo da mulher-objeto. Inclusive os exemplos “sabonete”, “Tubaina”, “marmita” e “pastel” metaforizam a mulher como objeto consumível e descartável.

Algo parecido ocorre com as expressões que indicam propriedades dos artefatos. Como já visto, elas se referem ao temperamento, aos aspectos físicos e à inteligência da mulher. Percebe-se, mais uma vez, uma ênfase no traço de temperamento instável da mulher, na sua aparência física e na sua pouca inteligência. Os aspectos físicos e de inteligência já foram tratados quando da análise das outras categorias. Mas o aspecto de temperamento traz um novo conceito à tona. Implícitos a essas metáforas estão dois conceitos conhecidos socialmente da mulher. Como, na sociedade capitalista, ser emotivo e temperamental é ser considerado fraco e perdedor, e isso é um valor também considerado negativo, metáforas como “Ela está descontrolada”, “Ela é alterada” servem para alimentar o estereótipo de mulher frágil e, portanto, inferior.

Quanto aos conceitos implícitos nas metáforas construídas com base em elementos da natureza, já foi visto pela análise lexical que a interpretação dessas metáforas conduzem à idéia de temperamento, comportamento sexual e características positivas da mulher. Dos conceitos observados, só é relevante mencionar aqueles implícitos nas metáforas que tratam do comportamento sexual e de características positivas da mulher.

Os exemplos “bananeira” e “bactéria” são metáforas novas e tratam de traços referentes à característica sexual da mulher. Na gíria, ser bananeira ou ser bactéria é mais ou menos a mesma coisa: ser experiente e ter liberdade para escolher sexualmente. Entretanto, essa liberdade não é vista como uma conquista positiva. Trata-se de uma liberdade vista do ponto de vista masculino tradicional, sob o qual a mulher é apenas um objeto sexual de interesse. Implícito nessas metáforas está também a idéia de que o corpo da mulher não lhe pertence. Em “bananeira”, sugere-se um julgamento à mulher porque não gosta de sexo como talvez devesse gostar. Em “bactéria”, há uma indução ao pensamento de dependência da mulher ao sexo masculino, já que a bactéria é um ser que subsiste em um ambiente propício.

Quando se trata dos conceitos implícitos em metáforas compostas por elementos, como “sol”, “lua”, “estrela”, “flor” e “luz”, percebe-se uma tendência ao oposto do dito até agora. Ou seja, a mulher dessa construção metafórica é bela e sublime, intocável e sublimada. Representa uma das vertentes da dualidade feminina que vem sendo negada há algumas décadas. Ela é um símbolo para exaltação. Todos os exemplos referem-se à beleza ou à bondade femininas e são utilizados com base em estereótipos aplicados aos domínios-alvo. Ou seja, essa mulher a quem as expressões metafóricas se referem é um mito, uma idealização criada por determinadas culturas e alimentada através dos tempos. O que se percebe é um conflito entre dois conceitos: mulher sublime X mulher-objeto.

Para as metáforas construídas com base em elementos ficcionais, já foi vista a tendência a tratar da aparência física e do caráter da mulher. O conceito relevante que se deve tratar aqui é a questão do fascínio natural que a mulher exerce sobre o homem.

Finalmente, o que se percebe é que o fato de nem todas as propriedades do domínio-fonte servirem para uma interpretação da metáfora pode resultar da não existência de um mapeamento conceitual pré-estabelecido a ser materializado em forma de expressões metafóricas, como propõem os conceptualistas (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.53). Dessa

ausência de mapeamento imanente, pode vir a necessidade de se criar, em determinado contexto e a partir de algumas experiências ou gestalt experiencial, um estereótipo e alimentá-lo com outras metáforas.

Resumindo, a análise conduziu, ainda que superficialmente, a uma reflexão sobre o modo de ver da sociedade em relação à mulher. Através da linguagem, pôde-se observar como os sentidos são construídos socialmente. Nota-se que a mulher ficou por séculos submissa a uma visão preconcebida de seu papel como participante da sociedade e que, ainda hoje, apesar dos avanços serem indiscutíveis, percebe-se a presença de um forte preconceito em relação a ela.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho abordou o fenômeno metafórico sob as perspectivas lingüística e conceptual, tendo como material de análise metáforas que são ditas sobre a mulher. O objetivo principal foi identificar as propriedades semânticas que são metaforizadas e os tipos de palavras utilizadas, na busca de regularidades de uso, e observar os possíveis conceitos implícitos nas expressões metafóricas.

A partir da análise semântica dos dados, constatou-se uma relativa regularidade de uso, que será mostrada a seguir.

As metáforas nominais sobre a mulher que têm como domínio-fonte animais estão relacionadas a características físicas, a comportamento sexual, ao temperamento ou caráter e à inteligência da mulher.

Quando os domínios-fonte são artefatos, notou-se uma tendência a uma similaridade construída a partir da forma, da função ou valor e do comportamento do objeto em questão, sendo esse último irrelevante.

Já as metáforas cujo domínio-fonte são as propriedades do objeto e não o objeto em si, ressaltam características de temperamento, aspectos físicos e inteligência.

Quanto ao domínio-fonte elementos da natureza, percebeu-se uma pequena regularidade no aspecto comportamento sexual e características positivas da mulher. O aspecto temperamento mostrou-se irrelevante.

Nos domínios-fonte elementos ficcionais, existe alguma tendência a ressaltar a aparência física, enfatizando a atração que a mulher exerce sobre o homem, e o seu caráter.

Quanto à análise conceptual percebeu-se que realmente existem conceitos associados à visão que se tem da mulher, com ênfase na aparência física, na promiscuidade sexual, no temperamento forte e instável e na falta de inteligência. A observação de alguns contextos nos quais essas metáforas poderiam ser ditas e de suas possíveis interpretações levou a crer que os conceitos não são pré-estabelecidos, como propõem os

conceptualistas. Eles são determinados socialmente via estereótipos produzidos a partir dos protótipos dos elementos que compõem os domínios-fontes dessas metáforas. Dessa forma, os conceitos que estão implícitos nas expressões metafóricas não são apreendidos pela mente e reproduzidos, mas sim criações de estereotipia fundamentadas em formas lexicais prototípicas.

Outra constatação refere-se ao contexto em que está inserida a metáfora: é ele que estabelece os traços que serão ressaltados. Por isso, alguns traços relevantes do domínio-fonte não são enfatizados no mapeamento entre domínios. É importante salientar que as construções são sociais e contextuais e o contexto não é estável. Esta pesquisa baseou-se em sentenças que, apesar de fazerem parte de uma determinada situação, podem ter um efeito de sentido outro qualquer a depender da mudança de contexto.

A pesquisa se fundamentou em três correntes de estudo da metáfora com ênfase na corrente conceptualista. A questão da similaridade foi tratada a partir da busca de relações entre os domínios-alvos e os domínios-fontes. Mas constatou-se, como já previsto por alguns autores, como Ortony (cf. op.cit.: 342), que ela não é substancial para resolver a questão da interpretação e do entendimento de metáforas. O que realmente percebe-se é que, entre os domínios, há uma semelhança relativa construída por estereótipos sociais da mulher. Ou seja, os seres e os objetos dos domínios-fonte que compõem a metáfora não possuem todas as propriedades do domínio-alvo mulher. Portanto, a similaridade isoladamente é um traço secundário na busca de respostas para a interpretação de metáforas.

Finalmente, a pesquisa mostrou que a análise das propriedades dos objetos pode contribuir para o entendimento da metáfora, pois linguagem é um aspecto tão importante para a interpretação quanto o são os conceitos formulados a partir de estereotipia de protótipos. Mas ela não explica como se dá a escolha da palavra que irá compor a metáfora.

Além disso, comprovou-se que não existe pré-existência de conceito, e que não são apenas os conceitos adquiridos na infância do ser humano que

serão os responsáveis pela interpretação de uma dada metáfora. Esses conceitos são mapeados em domínios que se inter-relacionam e dependem da experiência humana concreta. Também observou-se que o estereótipo é criado a partir de uma dada categoria estabelecida como protótipo, que se mantém alimentada pela comunidade de fala.

Como toda pesquisa, houve também algumas limitações: primeiramente, é praticamente impossível mapear-se todas as metáforas sobre a mulher e seus possíveis sentidos, ainda que se limite a fonte da qual será retirado o “corpus”. Além disso, algumas expressões permitiam entradas variadas, o que dificultou a categorização do termo.

Outra questão considerada relevante é o aspecto político que envolve a discussão sobre a mulher como participante de um processo sócio-histórico. Esse debate permaneceu implícito na análise, dada à impossibilidade de haver um trânsito livre entre a análise lingüística, a conceptual e a sócio-histórica, característica imanente à área dos conhecimentos lingüísticos.

Como o tema desta dissertação envolve uma questão bastante polêmica que é o uso de termos considerados politicamente incorretos para qualificar ou caracterizar o sexo feminino, e parte do “corpus” lingüístico pesquisado são expressões que reforçam o preconceito contra a mulher, consideramos necessário finalizar com uma pequena reflexão sobre a questão.

4.1 O POLITICAMENTE CORRETO

No contexto brasileiro, apesar de todo avanço e participação feminina na conquista de reformas sociais, não faltam provocações, chistes e brincadeiras, envolvendo a mulher. Essas provocações são vistas na mídia televisiva, na mídia escrita, na Internet e no cotidiano das pessoas, sem que se considere a questão do politicamente correto, tão discutida atualmente.

Ou seja, fazer piadas com a mulher pode não ser considerado uma ofensa, mas fazer um trabalho de pesquisa lingüística sobre essas expressões metafóricas pode ser visto como incorreto politicamente, já que pode, em vez de deter, reforçar o preconceito. É por isso que julgamos fundamental discutir algumas posições sobre o que vem a ser politicamente correto quando se trata do gênero feminino.

É politicamente correto fazer uma pesquisa com uma linguagem vista como chula e ofensiva? O que dirão as feministas e os homens? As mulheres se sentirão ultrajadas? Não estaria reforçando os preconceitos? São muitas perguntas, mas uma só resposta é suficiente. Na verdade, toda reação que surgir da leitura deste trabalho não conseguirá ocultar uma realidade: essas expressões existem, são ditas; o preconceito existe e está implícito em muitas delas. O que se deve fazer, na verdade, é entender qual a concepção de linguagem, de mundo e de ação política que norteia a questão do politicamente correto.

Quando uma sociedade propõe uma linguagem politicamente correta, ainda que inconscientemente, está se pautando numa concepção que percebe a linguagem como roupagem para o pensamento, segundo Rajagopalan (cf. op.cit.: 2002:96). Uma linguagem que transparecesse o pensamento seria ideal, pois assim tanto idéias racionais quanto irracionais, que respeitem ou não o ser humano, iriam transparecer com nitidez na linguagem e, inclusive, seria possível esconder os defeitos e preconceitos da sociedade.

Possenti (cf. op.cit.: 1995:137) afirma que o verdadeiro problema não está na linguagem propriamente dita, no que se diz, e, portanto, quem se envolve numa discussão sobre qualquer tipo de preconceito tendo como alvo a linguagem está apenas na superfície do problema, sem aprofundar-se realmente na questão. Assim, a tentativa de estudar as metáforas que são ditas sobre a mulher, buscando com isso reduzir qualquer forma de preconceito, pode ser vã e não contribuir em nada para extinguir o que essas expressões realmente ocultam. Mas também pode ser um “equivoco relativamente banal” (cf. POSSENTI, ibid.:138) evitar falar dessas sentenças

ou negar a sua existência. Segundo o autor, essa tese é simplista, já que o preconceito antecede à produção de tais expressões e não o contrário. Entretanto, e é com esse intuito que o tema deste trabalho foi escolhido, não se pode esquecer de que “o discurso pode servir para realimentar as condições sociais que dão suporte às ideologias e aos próprios discursos”. (cf. POSSENTI, op.cit.: 138)

Segundo Rajagopalan (cf. op.cit.:97), a linguagem figurada é, de acordo com essa concepção, uma “maquiagem” para o pensamento. Essa visão acompanha a humanidade desde Platão. Mas, ainda segundo o autor, de que adianta mudar a linguagem que é a roupagem, se o pensamento continuará o mesmo, sem sofrer nenhuma influência? De que adianta apenas falar sobre as belas e sentimentais palavras que são ditas sobre a mulher, se em nada essa atitude conseguirá realmente banir o pensamento contrário, que implicitamente se instalou? Segundo Rajagopalan, (cf. op.cit.:97), quem tem como norte a concepção de linguagem como roupagem para o pensamento não reconhece a arbitrariedade do signo lingüístico (cf. SAUSURRE, 2000:83), ou seja, não vê que o mundo e as palavras são independentes e que o nome que se dá a cada coisa é arbitrário. Desse desconhecimento, resulta o medo que certas sociedades têm de pronunciar algumas palavras, criando muitos eufemismos com a intenção de amenizar seus efeitos. Entretanto, não se consegue ocultar as verdadeiras intenções por muito tempo, pois elas certamente se manifestarão.

Portanto, o estudo de termos como “galinha”, “baleia” e “vacã”, aplicados à mulher, em vez de expressões literais, como promíscuas, gordas e prostitutas, é uma tentativa, talvez não sofisticada, de romper com a tendência à ocultação. Ao analisar expressões sem eufemismos, sem maquiagem, respeitando-se os contextos e os efeitos de sentido produzidos por elas, torna-se evidente o que talvez fosse encoberto na perspectiva do politicamente correto.

Dessa forma, esta pesquisa pode ser uma contribuição no sentido de buscar a conscientização da existência do preconceito. (cf. RAJAGOPALAN

op.cit.:102). Sem medo de ofender e sem querer parecer liberal e não-conservadora, ousou tratar desse assunto com muito respeito às mulheres e à linguagem.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, M. (1993) More about metaphor. In.: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press Pp.19-41.

CAMERON, L. (2002) Metaphors in the learning of Science: a discourse focus. In.: **British Educational Research Journal** vol.28 n.5.

CHIERCHIA, G. (2003) **Semântica**. Campinas: Editora da UNICAMP. Pp.207-208.

CICERO, M. T. (Tradução castellana, 1951) **Obras escogidas**: Colección Clásicos Inolvidables. Buenos Aires: Librería El Ateneu, Editorial Florida, Pp. 216 a 223.

DAVIDSON, D. (1979) What metaphors mean. Chicago: Chicago University Press. Tradução Brasileira: (1992) O que as metáforas significam. In.: SACKS, S. (org.) **Da metáfora**. São Paulo: EDUC. Pp. 35 a 51.

ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL (1988) São Paulo: Nova Cultural.

FREGE, G. (1978) **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Trad. UFRJ São Paulo: Cultrix / EDUSP, Pp.61 a116.

GIBBS, W. R. J. (1994) **The Poetics of Mind**. Cambridge: Cambridge University Pres.

_____ (1996) Why many concepts are metaphorical?. In.: **Cognition**. 61 p.309-319

GLUCKSBERG, S. (2001) **Understanding Figurative Language from metaphors to idioms**. Oxford: Oxford University Press, Pp.3 a 107.

GOODMAN, N. (1979) A Metáfora como Trabalho Adicional. In.: SACKS, S. (org.) Tradução Brasileira: (1992) **Da metáfora**. São Paulo: EDUC Pontes Pp.177 a 181.

GOODMAN, N. (1976) **Los Lenguajes del arte**. Barcelona: Editorial Seix Barral.

GRIMM-CABRAL L. (1994) **The Role of Metaphor in Informative Texts**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago, Chicago University Press. Tradução brasileira: (2002) **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC Pp. 9 a 358.

LAKOFF, G. (1993) The contemporary theory of metaphor. In.: ORTONY, Andrey. **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.202 a 249.

LEEZENBERG, M. (2001) **Contexts of Metaphors**. Amsterdam: Elsevier, Cap. 2.

MOURA, H.M.M. (2003) **Restrições lingüísticas na interpretação de metáforas conceptuais**. (UFSC)

NUNBERG, G. (1995) **Transfers of Meaning**. Journal of semantics 17.

ORTONY, A. (1993) The role of similarity in similes and metaphors. In.: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.342 a 355.

_____ (1993) Metaphor, language, and thought. In.: ORTONY, A (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.1-15.

POSSENTI, Sírio. (1995) A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Ano 4 No. 3 Vol. 2 Pp. 123-140.

PUTNAM, H. (1975) **Mind, language and reality**. Philosophical Papers, vol.2 Cambridge: Cambridge University Press, cap.12.

RAJAGOPALAN, Kanavillil (2002) Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem 'politicamente correta'. In.: SILVA, F. L. et alli (Orgs.) **O Direito à Fala: A Questão do Preconceito Lingüístico**. Florianópolis: Ed. Insular, Pp. 93 a 102.

REDDY, Michael. (1993) The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In.: ORTONY, Andrey. **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press Pp.164 a 201.

SANTOS, L. (2003) **Estereótipo e conhecimento de mundo**. In.: Trabalho apresentado à disciplina Seminário Especial em Semântica e Pragmática, da Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

SAUSSURE, F. de (2002) **Curso de Linguística Geral**. 24. edição, São Paulo: Editora Cultrix.

SEARLE, John R. (1993) Metaphor. In.: ORTONY, Andrey **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.82 a 111.

SOARES, Luiz E. (1988) Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In.: Margutti Pinto, et. alli (Orgs.). **Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência**. Belo Horizonte: editora da UFMG. Pp. 217-238.

VIEIRA, J. R. (1999) **Metáforas e Conflitos: a leitura de poesia e a discussão em grupo na sala de aula de inglês como literatura estrangeira**. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, SP.

ZANOTTO, M. S. (1995) **Metáfora, Cognição e Ensino de Leitura**. D.E.L.T.A., v.11, n. 2, Pp. 207-254